

dstnews
...is more

“OS MAIAS”

DST APRESENTA MAIS UM PROJETO ARROJADO E INOVADOR NO QUAL CELEBRA A LITERATURA, A IMAGEM E A MÚSICA: A OBRA “OS MAIAS”, DE EÇA DE QUEIROZ

EXCELÊNCIA NO TRABALHO 2011
aposta forte na internacionalização

**DST ASSINA
ACORDO EM
ANGOLA**

projetos na área
do ambiente

**Gabriela
Canavilhas**

apadrinha protocolo
celebrado com as
“Comédias do Minho”

**CONVERSANDO
COM...**

Miguel Palma
artista plástico





José Teixeira
presidente do grupo dst

EDITORIAL

“Verão Quente”

A temperatura, na economia das empresas da indústria da engenharia, não sossega de aumentar numa panela de pressão económica que precisa de uma válvula de descompressão.

O nervosismo nunca esteve em tão alta tensão.

Este estado de pouco aconselhamento enlouquece, cega e uma economia louca e cega matará a torto e a direito.

A normalidade deste tempo económico é a incerteza, a desorientação e o desconhecimento da solução para um problema que alimentamos durante anos acreditando na auto regulação e tendo fé em todos os Santos.

Sempre os cargos eletivos nas Nações tiveram como objetivo entregar a dirigentes que escolhíamos a responsabilidade para a resolução dos desentendimentos e para a agregação de entendimentos, acima de tudo, para além de interesses de uns em desfavor de outros.

O mundo perdeu a cabeça e em Portugal a nossa indústria vive um momento apocalíptico.

Darwin responderia que morrerão mais depressa os mais fracos e ficarão mais fortes os mais fortes.

Mas mesmo a morte deve ter dignidade e deve ser assistida pois houve vida que foi vivida.

Morre-se e caminha-se para a morte dos negócios e das empresas por via desta pressão sem autor nominal e, as empresas, entre a espada e a parede nada escolhem mas ficam zonzas por não estarem preparadas para esta guerra de contingências, de sombras e por não terem sido treinadas para equações com tantas incógnitas e tantas variáveis fora do seu controlo.

O conhecimento nunca fez tanta falta.

Mas o conhecimento não está à venda em envelopes de soluções chave na mão.

As consultoras desmultiplicam-se e aparecem com planos de estratégia para vender soluções salvíficas. Mas a indústria não vai com doses de slides. A indústria precisa de dinheiro e de encomenda.

Esta combinação não está ao alcance dos consultores nem dos padres.

As empresas, na nossa indústria, são feitas de Homens e Mulheres trabalhadores mas isso não chega para pegar um touro da dimensão do que temos pela frente. Um touro que adicionalmente não tem um rosto nem cornos visíveis para nos encaixarmos entre os seus olhos para lhe gritar (o que não devo escrever).

Neste cenário de caos e de guerra, com a indústria da construção sem dinheiro e sem negócio, a **dst** luta e une-se de forma tribal no ataque a todas as oportunidades e mais às mais complexas.

Todos já leram que o grupo **dst** é, na verdadeira aceção, um Grupo por sintetizar um conjunto grande e diverso de empresas que se complementam e que introduzem *n* portas de entrada de negócio.

A **dst** optou por enlouquecer a crise e quando esta “louca, e desvairada” nos fecha uma porta de entrada de negócio temos outra e depois outra e depois outra e depois abrimos uma janela e quem fica zonga é a “fera”.

Decidimos, bem, depender mais de nós do que do mercado natural e de “a ordem natural das coisas”.

Gostamos da ordem surpreendente e não tanto da ordem natural e previsível.

Formamos e continuamos a formar talento focado em serem autores das suas narrativas individuais.

Continuamos fortemente ancorados e a crescer fundados numa imagem poderosa - na imagem *triple C*: Cosmopolita, Culta e *Cool*.

Esta edição é a sua prova maior.

Estamos a expandir negócio para fora da nossa geografia base num modelo de baixo risco e de curto orçamento de capitais próprios.

Estamos a operar em mercados sofisticados como NY, Toronto, S. Paulo mas também Moçambique e Angola, em áreas em que não temos a tradicional concorrência.

Nos negócios que optamos faz anos - nos produtos e serviços derivados da economia do ambiente por via da pressão pelo lado da sustentabilidade.

O que fazemos tem um forte alinhamento dos nossos trabalhadores.

O factor *x* do processo de alinhamento é a confiança dos nossos trabalhadores e a credibilidade dos nossos projetos que são reconhecidos pelos nossos clientes. Apresentamos as nossas ideias e recolhemos as ideias de todos.

“Obrigamos” os nossos trabalhadores a terem e a dividirem as ideias com o grupo.

No grupo trabalhamos em rede e construímo-la nó a nó.

Assim, construída por todos, é uma rede nossa que é mesmo de todos e esta rede “pesca entendimentos” porque não é comprada mas porque é feita por nós, como escrevia o Padre António Vieira.

Ao meu nível, ao nível de Presidente do grupo, fiz reuniões separadas, como faço todos os anos, com operadores/manobradores de máquinas, com motoristas, com chefes de equipa, com encarregados e com quadros superiores.

A todos expliquei o que pretendia de cada, na sua importante posição relativa, e porque o queria.

Este processo de comunicação física, ou presencial, é forte e atinge o objetivo de nos unirmos para sermos mais fortes e mais fortes ficarmos mais aptos a combater esta adversidade de enormes proporções.

Na nossa reunião de quadros voltamos ao tema da inovação.

Foi uma reunião em que tivemos o gosto de ter connosco, entre outros, o Professor Daniel Bessa.

Resultaram conclusões que nos trarão resultado mas será um resultado feito à custa de muito mais trabalho.

O que pedimos a todos foi que fossem reunidas, de forma individual, as condições para podermos trabalhar mais - de tal forma que fiquemos apenas tão cansados como a concorrência, somente depois de termos trabalhado duas vezes o que eles trabalham.

Duas recomendações fizemos com o objetivo de aumentarmos a resistência física e outra para a performance relacional e comercial.

Uma. Fazer exercício físico de forma programada e rotinada.

Outra. Escolher hábitos de alimentação saudável.

A terceira. Ler um livro por mês para aumentar o nosso poder relativo de negociação.

Com o tempo deixaram de nos considerar esotéricos mas não sabemos viver sem surpreender. ■



OS MAIAS

No seguimento da contínua promoção da cultura nas suas diferentes formas, a **dst** apresentou mais um projeto arrojado e inovador no qual celebra a literatura, a imagem e a música: a obra “Os Maias”, de Eça de Queiroz e os seus “Episódios da Vida Romântica”, foi encenada e representada num formato peculiar pelos colaboradores do grupo **dst**.

Conduzido pela artista Ângela Mendes Ferreira, o desafio consistiu na realização de um projeto multiplataforma, produzindo uma curta-metragem e editando um livro ilustrado com imagens dos colaboradores caracterizados segundo a época da história e de acordo com as personagens principais queirosianas.

A ideia partiu de José Teixeira, Presidente do Conselho de Administração do grupo **dst**: “dizemos invariavelmente que fundamos a nossa economia numa imagem culta e cosmopolita. Quisemos construir uma peça que traduzisse esta forma de ser e estar para oferecer a quem nos visita e a quem queremos impressionar”.

A escolha de Eça de Queiroz não foi arbitrária: “Escolhemos o Eça porque foi o autor cosmopolita que viu o mundo. Os Maias porque é uma obra sublime e porque todos a conhecem numa idade que nem sempre a apreciam como é apreciada numa segunda leitura”, adianta o mesmo responsável.

A adesão por parte dos colaboradores ao desafio de encarnar uma personagem de uma das maiores obras da literatura portuguesa foi imediata, pela forma de ser e de estar numa empresa crescentemente culta, que empreende continuamente iniciativas deste género.

José Teixeira vai mais longe e acredita que após esta curta-metragem virá “outra loucura qualquer”.

Em consonância com o atual contexto da sociedade em Portugal, este é “um projeto barroco e ao mesmo tempo contemporâneo, na medida em que busca a sociedade portuguesa e a sua portugalidade nos dias de hoje. Fala das grandes questões que Portugal enfrenta”, explica Ângela Ferreira, que considera que os projetos culturais da **dst** trazem uma riqueza muito grande aos seus colaboradores.

A artista, que escolheu os funcionários da empresa que melhor se enquadravam na

sua visão de cada um dos personagens da obra de Eça de Queirós, refere mesmo que o facto de nenhum dos colaboradores ter qualquer tipo de contacto com a representação “enriquece o processo criativo”.

Daniela Pires, Técnica de Planeamento Estratégico da **dst** e Maria de Monforte na história “Os Maias”, considera ter sido uma “surpresa” ser atriz, apesar de se ter sentido à vontade. “Foi um desafio engraçado, porque não tinha nenhuma experiência na área artística”.

Já Inês Nuncio, diretora de obra na bysteel e Maria Eduarda neste projeto, valoriza o impacto que esta aposta da **dst** na cultura tem junto de clientes e fornecedores, acrescentando que com a sua participação, adquiriu alguma capacidade de gestão do nervosismo com reflexo no dia-a-dia pessoal e profissional. Já Ricardo Portela, diretor de produção na bysteel, interpreta Carlos da Maia e sublinha que o que mais importa nesta experiência artística é o impacto sobre a vida laboral, tendo melhorado a relação com os colegas e ajudado a contornar as tensões laborais.

Jacinto Oliveira, diretor do departamento de betuminoso da **dst**, desempenhou o papel de Pedro da Maia e assegura que o mais difícil foi conter os sorrisos decorrentes da falta de concentração que muitas vezes obrigava a repetir algumas cenas.

A divulgação da literatura portuguesa assumiu assim uma vez mais o papel principal nesta iniciativa que esgotou, na passada noite de 27 de Maio, a lotação do Theatro Circo em Braga, pela ocasião da exibição da curta-metragem musicada pela banda Noiserv, também em concerto nessa noite.

Com Inês Nuncio (Maria Eduarda) e Ricardo Portela (Carlos da Maia) a conduzirem o evento, a plateia parou ainda para ouvir, por Isabel Pires de Lima - especialista na obra queirosiana, a contextualização do autor e da sua obra.

Cumriu-se a celebração da arte, numa mistura de literatura, imagem e música em torno de uma obra cuja história se mantém ainda tão atual.

Recorde-se que este projeto incluiu ainda a sua exposição na galeria SHOW ME, em Braga, bem como a sua presença *on-line* em www.os-maias.com, onde se encontram imagens e vídeos da obra revisitada. ■



50 000 €

dst apoia a Companhia de Teatro de Braga com financiamento de 50 mil Euros.

Pela ocasião da apresentação da curta-metragem de “Os Maias”, na noite do passado dia 27 de Maio no Theatro Circo, a **dst** assinou também um programa de apoio à Companhia de Teatro de Braga através de um financiamento de 50 mil euros.

Este apoio concedido visa a continuação do desenvolvimento do projeto da Companhia de Teatro de Braga, através da criação artística e do aprofundamento da experimentação sobre diferentes práticas teatrais. José Teixeira, Presidente do Conselho de Administração da **dst**, afirmou que a Companhia de Teatro de Braga “é um projeto de anos que vamos continuar a apoiar”.

A **dst** há muito que decidiu investir continuamente na construção de uma empresa mais culta e cosmopolita, acreditando que o crescente nível cultural da sociedade é crucial para o desenvolvimento da economia. José Teixeira lamenta assim a importância relativa dada pelo Governo a este tema, considerando que “é preciso repensar no modelo de desenvolvimento, porque a Cultura é um bom negócio”.

Sublinhando o contributo decisivo do tecido empresarial para a continuidade das atividades que a Companhia do Teatro de Braga desenvolve, o seu diretor artístico e também administrador delegado do Theatro Circo, Rui Madeira, citou a **dst** como “um exemplo para as outras empresas, porque assumiu o pioneirismo de apoiar a cultura na cidade”. De facto, o investimento que vem sendo feito, possibilita que esta companhia tenha como objetivo transformar a cidade de Braga e o Theatro Circo numa plataforma onde se dá o confronto artístico entre criadores da Europa e do Espaço Lusófono, numa busca pela afirmação como referência nacional e pela promoção do intercâmbio cultural nacional e internacional.

A promoção de grandes obras escritas através de peças de teatro tem estado na

ordem do dia da programação da Companhia de Teatro de Braga, de acordo com a aposta da **dst** na promoção da literatura. Em 2011, são exemplo disso a interpretação em palco do “Auto da Barca do Inferno” e da peça de teatro “Jardim” baseada na obra “Os Lusíadas”.

Recorde-se que o grupo **dst** conta já com uma longa intervenção no plano cultural, pelo apoio de múltiplas iniciativas de relevo entre as quais a Feira do Livro, o Grande Prémio da Literatura e o Prémio Internacional da Fotografia, a par da oferta de livros em diversas Escolas, entre outras ações. ■





Gabriela Canavilhas

visita a sede da **dst** e apadrinha assinatura de protocolo de 300 mil euros.

No passado dia 3 de Junho, Gabriela Canavilhas, na altura Ministra da Cultura, visitou a sede do grupo **dst** apadrinhando o evento de renovação da assinatura do protocolo, no valor de 300 mil euros, celebrado entre a Ventominho – Energias Renováveis e a Comédias do Minho, uma associação para a promoção das atividades e dos valores culturais do Vale do Minho.

Para além de Gabriela Canavilhas, também os Presidentes dos Municípios de Valença, Paredes de Coura e Vila Nova de Cerveira, marcaram presença neste evento que se traduz em mais uma aposta da **dst** no que ao investimento em Cultura diz respeito, mediante um grande contributo para os próximos três anos da referida associação. Esta colaboração prestada pela Ventominho conta já com mais de seis anos, tendo sido atribuídos cerca de 100 mil euros por ano, que irão perfazer um total de 900 mil euros concedidos até 2013.

Este investimento reveste-se da maior importância, possibilitando, em conjunto com o apoio do Ministério da Cultura, a manutenção do ritmo de atividade desta coletividade. António Pereira Júnior, presidente da Câmara de Paredes de Coura e também das Comédias do Minho, referiu mesmo que “com o apoio da Ventominho e o acréscimo que o Ministério da Cultura nos deu para o próximo ano, podemos continuar com o nosso projeto que consiste em levar o teatro a todas as freguesias dos nossos concelhos”.

Sobre esta iniciativa conjunta dos cinco Municípios – Paredes de Coura, Melgaço, Monção, Valença e Cerveira – o Presidente do Conselho de Administração da **dst**, José Teixeira, elogiou o facto de terem dado as mãos para levar a cultura às suas

populações, afirmando que “o que as Comédias do Minho fazem, e as pessoas que as governam fazem, é um verdadeiro ato de resiliência, determinação e generosidade social”. Também Gabriela Canavilhas expressou a sua paixão por este projeto e revelou que o mesmo foi apresentado recentemente no Algarve como um modelo a seguir.

Já sobre o grupo **dst**, a então ministra da Cultura afirmou que é um verdadeiro exemplo para o mundo empresarial, porque “deixa riqueza nos locais onde a produz”, tendo aplaudido fortemente o discurso proferido por José Teixeira, que por sua vez defendeu que “a economia devia falar de Cultura”, afirmando que essa aposta traz vantagens comparadas. Mediante um mundo em constante mudança, José Teixeira sublinha que a economia “nos países mais avançados e maduros funda-se na criatividade” e que por sua vez as economias de ponta “fundam-se na imaginação”, citando assim a falta de Cultura como um limite à produtividade e à competitividade, saindo em defesa das Humanidades como base de todos os cursos, sendo elas responsáveis por cultivar valores capazes de fazer a diferença em cada profissional, seja qual for a sua área de atividade.

Ainda por ocasião deste evento, os presentes tiveram oportunidade de assistir à exibição da curta-metragem da obra “Os Maias”, protagonizada pelos colaboradores do grupo **dst** e de ver apresentada a reedição do livro no qual os mesmos figuram, tendo a iniciativa sido enaltecida também por Gabriela Canavilhas que demonstrou o seu agrado pessoalmente junto de alguns dos “atores” ali presentes. ■



dst grande vencedora

A **dst** foi a grande vencedora do prémio Excelência no Trabalho 2010/2011

Na primeira edição dos prémios “Excelência no Trabalho”, a **dst** foi a grande vencedora no setor da construção, tendo alcançado o segundo lugar do Top 5 das grandes empresas, num estudo levado a cabo pelo Diário Económico em conjunto com a Heidrick & Struggles e a ISCTE Business School, com o objetivo de premiar as melhores políticas e práticas de recursos humanos.

Esta iniciativa contou com a participação de cerca de 300 empresas de todo o País e dos mais diversos setores de actividade, que demonstraram disponibilidade para abrir as suas portas a uma avaliação da gestão do seu ambiente organizacional, nomeadamente a capacidade de atrair e reter os melhores colaboradores.

Para a realização da análise das diferentes empresas envolvidas, foi enviado um questionário aos seus colaboradores, bem como realizadas auditorias nas instalações para a melhor perceção da realidade prática da gestão dos recursos humanos.

Após a exaustiva recolha empreendida entre o final de 2010 e o início de 2011, a **dst** foi a empresa que alcançou o resultado mais elevado no seu sector, tendo o seu Presidente do Conselho de Administração, José Teixeira, considerado que “esta distinção traduz o reconhecimento do nosso trabalho diário para ajudar os colaboradores a construir projetos de vida no seio do grupo e a verdade é que, se queremos que deem o máximo pela empresa, a empresa também tem que disponibilizar os recursos necessários e dar o máximo pelos colaboradores”.

Considerada pelos seus visitantes como uma agradável surpresa, a **dst** aposta vivamente na elevada qualidade das suas instalações e no bom gosto da sua decoração, entre livros, peças de arte, quadros e fotografias expostas, sendo José Teixeira o mentor desta forma de estar, que afirma “gosto de ver a empresa como um plon-

gamento da minha casa”.

Também o facto de se tratar de uma equipa muito jovem é motivador e as boas práticas na gestão do capital humano da **dst** vão muito além do premeio pelo aumento salarial, defendendo que há um conjunto de benefícios proporcionado aos colaboradores com enorme valor acrescentado, proporcionando um maior bem-estar e qualidade de vida. São exemplo o seguro de saúde proporcionado de forma transversal e igual a todos os colaboradores, bem como o seguro de vida com proteção até 20.000€, para além do ginásio pago e do centro de saúde a funcionar diariamente com equipa de enfermagem e médicos e ainda o consultório de medicina dentária.

O grupo dispõe ainda de um protocolo com o Colégio Sete Fontes, em Braga, e quer construir uma creche junto dos escritórios centrais, cujo terreno já foi adquirido e aguarda apenas procedimentos legais.

No que respeita à Cultura, o seu acesso é também garantido pelo grupo **dst** aos seus colaboradores, disponibilizando semanalmente vários bilhetes para espetáculos no Theatro Circo de Braga e oferecendo um livro a cada colaborador no seu aniversário, iniciativa também estendida aos alunos de três agrupamentos de escolas em Braga.

Oriunda da estatística deste estudo é também a conclusão sobre alguns dos aspetos mais valorizados pelas pessoas no seu local de trabalho, tendo sido a segurança física e a preocupação com a qualidade do serviço prestado os mais referidos.

É ainda de referir que entre o top das ideias expostas pelos colaboradores está a identificação generalizada da **dst** como uma empresa que é inovadora, capaz de antecipar cenários e criar novas tendências no mercado. ■



GLOBALSUN presente na 1.ª FEIRA INTERNACIONAL DE AMBIENTE DE ANGOLA

A Global Sun (grupo dst) esteve presente na 1.ª Feira Internacional do Ambiente que decorreu em Luanda, Angola, de 26 a 29 de Maio, sob o tema “Feira Internacional de Ambiente, Equipamentos, Serviços e Tecnologias Ambientais”. Esta iniciativa pioneira em Angola pretendeu ser a plataforma de projeção do país rumo a uma economia mais verde e a um desenvolvimento mais sustentável.

O grupo **dst** esteve representado ao mais alto nível com a presença do seu Presidente do Conselho de Administração, José Teixeira.

O objetivo da Global Sun neste certame foi a apresentação em primeira mão para o mercado angolano, da sua solução fotovoltaica “made in portugal”, que consiste em 4 modelos de painel fotovoltaico policristalino de 210, 220, 230 e 240 W produzido na sua unidade industrial de Gême – Vila Verde. Pretendeu-se também com esta participação averiguar o “estado da arte solar fotovoltaica” em Angola, estabelecer contactos com empresas locais e com os atores políticos angolanos. Pelo *stand* da Global Sun passaram a Sra. Ministra do Ambiente de Angola e Portugal e os Srs. Ministros do Petróleo, Geologia, Minas e Indústria e Agricultura e várias individualidades dos Governos Provinciais.

Paralelamente à Feira aconteceram vários ciclos de conferências subordinadas à temática ambiental. A Global Sun foi convidada a intervir na conferência “Que futuro para as tecnologias não poluentes e quais os desafios da sua introdução em Angola” moderada pelo Sr. Ministro da Indústria de Angola. A apresentação da empresa, produtos, soluções, serviços e estratégia esteve ao cuidado de Pedro Giesteira que

reforçou a importância da energia solar para a animação económica de uma nova fileira em Angola geradora de novas empresas e de mais emprego, para a promoção da eletrificação em comunidades e/ou infraestruturas isoladas, para a promoção de uma maior eficiência energética através de soluções integradas com a rede elétrica e com os geradores, para a redução da utilização de combustíveis fósseis, designadamente, a utilização de geradores diesel para o fornecimento de energia elétrica (libertando economias de combustível e de O&M), para a redução de emissões de gases com efeito de estufa e para a promoção da saúde pública.

O balanço final do certame foi animador e vislumbram-se oportunidades de negócio no setor fotovoltaico. Atualmente, somente 35% da população angolana tem acesso à energia elétrica, isto significa que existem mais de 6,3 milhões de habitantes sem esse recurso, localizados essencialmente nas províncias mas também nas grandes cidades como Luanda, Huambo, Benguela, Kuito, Malange, Lubango, etc...

Existe também um novo discurso “mais verde” proferido pelos governantes o que pode demonstrar uma abertura para uma nova área da economia – as energias renováveis.

Quanto ao público em geral, foi patente a vontade dos mesmos em obterem mais conhecimento sobre a tecnologia solar e de que forma a utilização deste tipo de energia pode alterar a sua vida. ■



dstrenováveis

marca presença em feiras do setor

No âmbito da sua aposta na internacionalização, a **dstrenováveis** marcou presença na 13ª edição da Tektónica – Feira Internacional de Construção e Obras Públicas – marcada pela ocupação do espaço de exposição a 100% e pela forte vertente Internacional e de Inovação.

Mediante diversos tipos de atividade presentes naquela que é a feira líder em Portugal no setor, a **dstrenováveis** expôs o seu *portfolio* de produtos e serviços na área Tek Green destinada especificamente às Energias Renováveis, Construção Sustentável e Responsabilidade Social na Construção Civil. De entre as diversas soluções disponibilizadas pela empresa do grupo **dst**, destacam-se a instalação de Sistemas Fotovoltaicos no formato de solução “chave na mão”, a Microgeração de acordo com o respetivo decreto-lei, os Sistemas ligados à rede, os Sistemas isolados e a promoção de Parques Solares.

Para além destes sistemas, a **dstrenováveis** apresentou também múltiplos serviços enquanto ESCO (Energy Service Company), nomeadamente soluções de Auditoria Energética e Gestão de Energia, Certificação Energética ao abrigo do Sistema Nacional de Certificação Energética e da Qualidade do Ar nos edifícios e ainda Certificação Energética ao abrigo do Sistema de Gestão de Consumos Intensivos de Energia na Indústria.

Ao longo de cinco dias de feira, foi possível usufruir de um espaço privilegiado para a identificação de oportunidades de negócio e para o desenvolvimento de sinergias entre empresas que se dão a conhecer por entre a diversidade de oferta existente num

setor tão abrangente como o da Construção. Mercados como o Brasil, Moçambique, Cabo Verde, Polónia, Roménia e Ucrânia estiveram em destaque na apresentação das suas potencialidades, afirmando o mercado externo como o caminho para o sucesso, promovendo as parcerias internacionais como base para o fortalecimento do tecido empresarial Português.

De referir que a **dstrenováveis** já há algum tempo iniciou o seu processo de internacionalização, tendo como objetivo a entrada no mercado Norte-americano, Sul-africano e Asiático.

Em busca do desenvolvimento de sinergias profícuas, a **dstrenováveis** pertence ainda à Associação Cluster XXI, responsável por dinamizar o “Cluster do Conhecimento e da Economia do Mar”, que tem como objetivo a promoção da investigação marítima, na busca de metodologias inovadoras capazes de valorizar os seus recursos e as suas atividades económicas, entre as quais a produção de energia *off shore*.

Nesse âmbito, a empresa participou também no primeiro Fórum do Mar, realizado entre os dias 16 e 19 de Junho, na Exponor, tendo em vista o acompanhamento do desenvolvimento de novas tecnologias, designadamente, ao nível da Energia das Ondas. A **dstrenováveis** teve ainda a oportunidade de apresentar ao público em geral os seus produtos e serviços, nomeadamente na área da produção de energia elétrica com base em fontes renováveis, no âmbito da micro e da mini-geração, e também na área da implementação de medidas de eficiência energética, nomeadamente ao nível da energia solar térmica. ■

dstrenováveis já opera nos E.U.A e Canadá

Identificados os mercados estratégicos onde a **dstrenováveis** quer operar, foram já constituídas duas empresas que estão em plena atividade nos mercados norte-americano e canadiano.

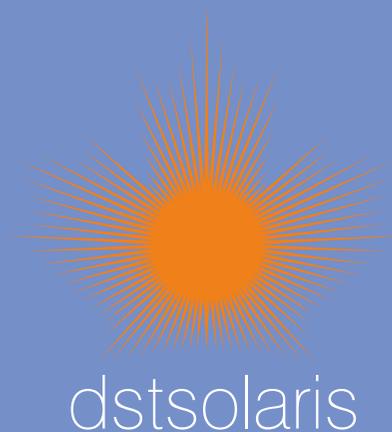
Assim, com escritórios em Nova Iorque, foi constituída a empresa “Sure Energy” com o objetivo de fornecer serviços de análise, desenvolvimento e construção de sistemas fotovoltaicos, com especial enfoque em sistemas de energia com injeção na rede elétrica e auto consumo.



A Sure Energy foi constituída em parceria com a empresa americana ELQ Industries, uma reconhecida empresa de construção civil, especializada em reconstrução de estradas, pontes e viadutos que opera há mais de 40 anos na região do vale do rio Hudson, em Nova Iorque e pretende alargar o seu portefólio de atividades ao setor das energias renováveis.

A missão desta nova empresa do grupo **dst** é fornecer uma energia limpa ao mercado americano através do desenvolvimento, instalação e todo o acompanhamento de projetos de energias renováveis, com soluções versáteis que vão do sector residencial ao sector comercial e industrial.

No Canadá, por sua vez, e em parceria com a empresa canadiana ImExPor Canada, foi constituída a empresa **dstsolaris**, também com o objetivo de fornecer serviços de análise, desenvolvimento e construção de sistemas fotovoltaicos, com especial enfoque em sistemas de energia com injeção na rede elétrica e auto consumo.



À semelhança da empresa norte-americana, a **dstsolaris** fornece um serviço chave na mão através do desenvolvimento, instalação e acompanhamento de projetos de energias renováveis, com soluções versáteis que vão do setor residencial ao sector comercial e industrial.

A **dstsolaris** pretende assumir um papel ativo no desenvolvimento de instalações de energia solar na província de Ontário, dando cumprimento à legislação em vigor. Pretende-se colaborar com parceiros industriais na conceção, construção, utilização e manutenção de instalações de energia solar em toda a província, ajudando a capitalizar as vantagens dos incentivos e deduções proporcionados pelo governo. ■



dst inicia obras junto à Barragem do Alqueva

A **dst**, em consórcio com a Hagen, está a desenvolver trabalhos de construção de infraestruturas de armazenagem de água e de rega junto à Barragem do Alqueva que, no conjunto das três adjudicações, totalizam cerca de 50 milhões de euros.

Entre as várias obras, adjudicadas pela EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas do Alqueva, encontra-se a barragem de S. Pedro, no município de Beja, iniciada em Junho e com conclusão prevista para Dezembro de 2012.

A barragem terá cerca de 24 metros de altura máxima acima do solo e um coroaamento de 7 metros de largura, estando o volume total de aterro estimado em cerca de 400 mil metros cúbicos.

No mesmo período será construído o reservatório de Pedrógão e o respetivo adutor, uma rede ramificada de condutas com cerca de 27,8 km de desenvolvimento, através da qual a água será transportada desde o reservatório até vários pontos de consumo: Albufeira do Peso, Monte das Aldeias, Reservatório de Selmes, Albufeira do Paço, Bloco do Monte das Cortes de Cima, Monte das Cortes de Baixo, Reservatório do Monte do Malheiro, Bloco da Herdade da Rabadoa, Albufeira da Quinta de São Pedro e Barragem de São Pedro.

Paralelamente, a **dst** tem a seu cargo a construção do sistema elevatório primário que tem como finalidade a captação de água na barragem de Pedrógão através de uma conduta de aspiração de grandes dimensões, que alimentará o reservatório de Pedrógão através de uma conduta elevatória com 2500 milímetros de diâmetro.

Recorde-se que a empresa está também, desde Junho do ano passado, a construir a Barragem de Cinco Reis, situada no barranco do Curral, afluente da ribeira da Chaminé, no concelho de Beja.

Esta, com uma altura máxima de 15,5 metros e um desenvolvimento de cerca de 514 metros, terá também na sua margem direita dois diques em duas portelas com uma altura de cerca de 3 metros.

A **dst** está ainda a construir o Reservatório de Beringel, no concelho de Beja, com um volume útil de cerca de 97 mil metros cúbicos, a conduta elevatória entre este reservatório e o de Álamo, no mesmo concelho, com cerca de 1500 metros de comprimento, e ainda a conduta adutora entre o reservatório de Beringel e a Barragem de Cinco Reis, com uma extensão de 4 055 metros. ■



Requalificação da Escola D. Maria II

A **dst** concluiu a empreitada na Escola Secundária D. Maria II, em Braga, no âmbito das obras de requalificação do parque escolar ao abrigo do Programa de Modernização das Escolas destinadas ao Ensino Secundário.

A intervenção teve como objetivo a construção de seis novos edifícios escolares e a reabilitação de dois edifícios já existentes, garantindo a melhoria das infraestruturas e a expansão da rede escolar, dotando o estabelecimento de ensino com meios sofisticados e tecnologia de ponta, que envolveram um investimento global de 12,4 milhões de euros.

Atendendo às novas práticas educativas e formativas, a empreitada visou a adaptação funcional dos espaços, tendo sido também tomadas medidas de prevenção do desgaste provocado pelo uso, bem como garantidas as exigências legais de conforto ambiental e de eficiência energética e os meios de acessibilidade e mobilidade para todos.

O projeto desenvolvido permitiu inverter a estrutura organizativa do espaço até então constituído apenas por um único corpo que reunia todas as áreas, desde as salas de aula ao ginásio. Foi necessário criar diferentes blocos com diferentes fins de utilização, nomeadamente para práticas laboratoriais, para aulas, cozinha e bar, para sala de convívio e lazer, para oficinas, para o pavilhão gimnodesportivo interior e exterior e respetivos balneários, para a sala polivalente e museu, para a biblioteca e serviços administrativos e para o auditório de conferências. Também o exterior foi alvo de especial atenção, tendo sido criados espaços interligados por uma rede de caminhos pedonais, garantindo a dinâmica entre as várias áreas, incluindo jardins com diferentes tipos de vegetação e sistemas para sua manutenção.

Dividida em três fases, foi dada prioridade à demolição dos elementos não estruturais e ao reforço prévio dos estruturais, contando com o acompanhamento constante do projetista, para garantia da segurança bem como para a correta remoção dos resí-

duos, que foram devidamente separados e transportados, cumprindo com todos os pressupostos ambientais.

Esta empreitada revitalizou assim a Escola Secundária D. Maria II, proporcionando as melhores condições para a aprendizagem e partilha do conhecimento, possibilitando a existência de melhores recursos para competir globalmente.

Por ocasião de inauguração da obra, o Presidente do Conselho de Administração da **dst** defendeu que o momento difícil que o país atravessa não deve por em causa o trabalho que a Parque Escolar tem vindo a desenvolver, pois a requalificação das escolas “é um investimento que gera valor no curtíssimo prazo”.

O mesmo responsável referiu também a forte aposta da **dst** em ganhar a obra de requalificação da Escola Secundária D. Maria II, considerando ser “simbólico para nós estarmos aqui. A nossa cidade conhece-nos pela ligação às energias renováveis e às telecomunicações, mas na construção civil esta obra é para nós, de facto, importante”. Mais ainda, José Teixeira sublinhou que após estas intervenções “ficamos com escolas com todas as condições, para que as pessoas, alunos, professores e funcionários gostem de estar na escola”.

Por sua vez a ex-ministra da Educação, Isabel Alçada, considerou este tipo de intervenção na rede de escolas secundárias como determinante, para que Portugal “tenha uma oferta educativa diversificada, tenha acesso a todos os instrumentos, tenha os espaços que são próprios de uma escola do século XXI, como biblioteca, equipamentos para laboratórios, cantina, espaço para estudar e espaço para trabalho dos professores.”.

Para além desta empreitada, recorde-se que a **dst** ganhou também as obras de requalificação da Escola Secundária Almeida Garret em Vila Nova de Gaia, Escola Secundária José Régio em Vila do Conde e Escola Secundária Fontes Pereira de Melo no Porto. ■

referindo que estas integram a visão de longo prazo com a de curto prazo em projetos que oferecem ganhos, reconhecem que a sustentabilidade tem de envolver todos os funcionários e não só chefias, integram a sustentabilidade em todas as atividades da empresa e não de forma compartimentada, têm a cultura da medição e monitorização de tudo e valorizam os benefícios intangíveis de uma estratégia a longo prazo, conservando os recursos que utilizam.

Já no âmbito da internacionalização do grupo **dst**, o evento contou com a intervenção da equipa **dst**-Aquapor, constituída por Ana Araújo, Edgar Basto, Jóni Barroso e Mário Lourenço, que apresentou um *Road Book* elaborado com o objetivo de desenvolver uma metodologia suscetível de ser utilizada pelas diferentes empresas do grupo no seu processo de internacionalização. A metodologia apresentada compreendia três passos principais, iniciando pela micro análise, passando pela seleção do mercado alvo e opção do método de entrada, culminando na implementação da estratégia desenhada.

Para uma melhor compreensão desta abordagem, a equipa **dst**-Aquapor expôs ainda dois *case studies* de aplicação deste modelo de *Road Book*, nomeadamente o caso da **dst**solar USA e o caso da Aquapor Moçambique. Em ambos os casos foi possível rever matrizes que possibilitam a identificação e análise das vantagens competitivas das empresas em cada mercado, bem como matrizes de análise SWOT, que registam as Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças, sublinhando fatores internos e externos determinantes para o sucesso.

Por sua vez, a gestão de Recursos Humanos esteve também em destaque no Encontro de Quadros deste ano, pela inovação da recente opção tomada sobre a direção do seu Departamento ser assumida pela responsável pelo Departamento de Comunicação, Margarida Pereira. Esta tendência de aproximação destes dois departamentos prende-se com o objetivo de construir elos de ligação fortes entre as pessoas e a marca **dst**, impondo um novo olhar sobre a estratégia de gestão do capital humano. Na sua intervenção, Margarida Pereira frisou a importância da informação e da sua forma de transmissão, como garantia para o conhecimento por parte de todos sobre o que fazemos, sobre o que faz a empresa e sobre o porquê de o fazermos. A responsável sublinhou a necessidade de se “ouvir as decisões, de comunicar de forma clara e imparcial e de evitar boatos, pois estes tornam-se em reações negativas para a empresa, afetando o empenho e produção dos colaboradores”. Nesse sentido, é preciso “falar para que as pessoas oiçam e ouvir para que as pessoas falem”, acrescentou, defendendo que é preciso provocar o diálogo, levar à discussão de ideias e ao encontro de soluções que sejam profícuas, partilhando conhecimento, reforçando a cultura do grupo, fortalecendo o espírito de pertença e a coesão.

E porque Inovação passa em grande parte pela identificação de oportunidades, Américo Vaz e Ana Paula Varandas do Departamento Técnico Comercial, referiram de seguida na sua intervenção, diversas possibilidades de atuar de imediato, agarrando oportunidades internas e externas, destacando o reforço da união, a competência no exercício profissional e a melhoria contínua da comunicação entre todos. Mais ainda, a intervenção sublinhou a importância da geração de negócio entre diferentes empresas do grupo, numa visão integrada das oportunidades de negócio que devem ser identificadas sobretudo pelos colaboradores que se encontram no “terreno”.

O almoço foi servido e acompanhado pela bela paisagem sobre a cidade de Braga, *ne*

tendo a ordem de trabalhos prosseguido da parte da tarde com início marcado pela apresentação da “Ideia Inovação” do grupo **dst**, na qual foi dada a conhecer a nova plataforma a disponibilizar *on-line* para inserção e gestão de ideias inovadoras, a serem avaliadas e posteriormente implementadas, sejam ideias completamente novas ou sugestões de melhoria de processos existentes.

O evento prosseguiu com outra intervenção das Comédias do Minho à qual se seguiu a intervenção de Sérgio Xisto, responsável pelo Departamento de CC1, subordinada ao tema “Trabalhar melhor”. Colocando a tónica na importância das pessoas no processo de Inovação, dado que a Economia está baseada cada vez mais no conhecimento, este responsável defendeu que os Recursos Humanos são de importância absoluta, pois apenas as pessoas têm capacidade de inovar. E Inovação pressupõe igualmente sentido empreendedor por parte de cada colaborador, tendo o interveniente sublinhado a importância de cada um trabalhar como se da sua própria empresa se tratasse. “Só desta forma é possível acrescentar valor, pela via da produtividade, para alcançar a competitividade”, indicou Sérgio Xisto, que considera ser crucial relacionar estes conceitos para que se possa trabalhar mais e melhor. Também esta intervenção reforçou a importância do trabalho em rede, tirando o máximo proveito dos conhecimentos de cada elemento de equipa.

A agenda teve continuidade com uma intervenção num formato distinto assegurada por Tiago Costa, consultor sénior do Instituto Kaizen, numa abordagem ao conceito Lean, tendo sido apresentados alguns casos de sucesso da sua implementação e realizado posteriormente um *workshop*.

O termo Kaizen é oriundo do Japonês e significa mudança contínua e gradual para melhor, correspondendo o conceito Lean a uma abordagem para a entrega de valor de forma eficiente aos clientes, através da melhoria do *workflow* da produção, eliminando tempo e esforço desperdiçado. Nesse sentido, foi proposta uma dinâmica de grupo entre os participantes, que consistiu numa pequena construção tendo por base duas situações distintas, uma partindo de um conjunto de peças devidamente organizado e identificado e outra partindo de um conjunto misturado e indistinto, provando-se claramente a maior rapidez e eficácia na primeira situação. Adicionalmente, foi também proposto que cada grupo identificasse e listasse um conjunto de situações de desperdício nas atividades do grupo **dst** e respetivas considerações de melhoria, apresentadas posteriormente a todos os participantes.

O Encontro de Quadros 2011 encerrou com uma nova intervenção do Presidente do Concelho de Administração, José Teixeira, que recordou a internacionalização como tema de destaque na agenda do grupo **dst** e deixou uma mensagem de confiança e esperança a todos os participantes, focando o tema central da Inovação como uma força excepcional para enfrentar os desafios que se impõem. “Inovar é cada um de nós ser cada um de si e dos outros, através de nos sentirmos corresponsáveis pelo insucesso e pelo sucesso – sermos de facto cada um mas sermos todos uma equipa” afirmou o responsável, acrescentando que “Inovar é saber que temos de semear para colher. Inovar é não desistir a meio do jogo mas antes encontrar o processo de recuperação para que o sentido do negócio vire positivo”.

Antes da despedida, os participantes fizeram ainda entoar uma grande salva de palmas e, em conjunto, exclamaram “Viva a **dst**! Viva”. ■



INTERNATIONAL PHOTOGRAPHY AWARD

EMER GENTES DST

Após o reconhecido sucesso do lançamento do prémio “Emergentes **dst**” em 2010, o grupo **dst** anuncia a segunda edição deste concurso de fotografia internacional, que visa premiar o melhor portefólio de Fotografia Contemporânea deste ano, no valor pecuniário de €7.500.

À semelhança da primeira edição, a iniciativa será novamente apoiada pelos “Encontros da Imagem”, um dos maiores projetos no campo das artes visuais em Portugal, igualmente oriundo de Braga.

A atribuição do prémio é realizada pela leitura crítica de portefólios de diversos fotógrafos que apresentam o seu trabalho a comissários, galeristas e editores especializados, encontrando nestas edições um meio preferencial para promoção da sua obra.

O objetivo passa por promover e integrar os autores em projetos artísticos internacionais, contando o júri do concurso com personalidades especializadas de várias nacionalidades. Atualmente estão já confirmados Beate Cegielska, Curadora na Galleri Image na Dinamarca, Bill Kouwenhoven, Editor Internacional na Hot Shoe Magazine em Nova Iorque, Fritz Giertsberg, Curador no Nederlands Photo Museum em Roterdão, Krzysztof Candrowicz, Diretor do Lodz Fotofestival na Polónia, Laura Serani, Diretora Artística do Rencontres de Bamako no Mali, em África, e Lisa Fetisova, da Galeria Russian TeaRoom em Paris.

Juntam-se ainda aos jurados Louise Clements, Diretora Artística do Quad&Format Festival no Reino Unido, Mário Teixeira da Silva, da Galeria Módulo em Lisboa, Paco Salinas, Diretor do Foto Encuentros, de Múrcia, em Espanha, Sandra Vieira Jurgens, Diretora e Editora da revista Artecapiatal em Lisboa, Simone Rodrigues, Curadora do Festival FotoRio no Rio de Janeiro, Xavier Canone, Diretor do Museu de Fotografia de Charleroi, na Bélgica, entre outros.

Até ao dia 15 de Agosto, os interessados deverão submeter *on-line* um projeto fotográfico que seja original e recente e que não exceda as 20 imagens, a cor ou a preto-e-branco, em formato digital, através do *site*: www.encontrosdaimagem.pt.

A fase de pré-seleção será assegurada por um comité especializado que elegerá os 70 autores a prosseguirem para a fase final, submetendo o seu trabalho à análise de especialistas e críticos de fotografia e artes visuais. Estes autores finalistas serão informados até ao dia 1 de Setembro.

Posteriormente, os candidatos selecionados deverão escolher até ao dia 15 de Setembro, oito especialistas para a leitura do seu portefólio, que terá lugar no Festival de “Encontros da Imagem”, nos dias 1 e 2 de Outubro.

O prémio será anunciado na cerimónia solene com data marcada para o dia 4 de Outubro, durante a qual será efetuada uma projeção dos portefólios dos finalistas.

O trabalho do autor premiado será ainda exposto na secção oficial dos Encontros da Imagem 2012. ■



Grande Prémio de Literatura

dst entrega Grande Prémio da Literatura na XX edição da Feira do Livro

A XX edição da Feira do Livro de Braga comemorou este ano o início das suas atividades no Centro Histórico da cidade, ao som de grupos de percussão, percorrendo de seguida a Avenida da Liberdade até ao Parque de Exposições onde, após passagem pelos vários setores da exposição, se deu a sua abertura ao público.

Decorrendo de 30 de Abril a 8 de Maio, a feira contou com uma enorme variedade cultural e uma agenda repleta de eventos e espetáculos, tendo sido o dia de Inauguração Oficial marcado pela cerimónia de entrega do Grande Prémio da Literatura promovido pelo grupo **dst**, naquela que é já a XVI.^a edição desta iniciativa.

Contando com a presença do Vice-presidente da Câmara de Braga, Vítor Sousa e com o Presidente do Conselho de Administração do grupo **dst**, José Teixeira, o momento solene teve lugar no Espaço Tertúlia da Feira, na Grande Nave do Parque de Exposições.

O prémio entregue no valor pecuniário de 15 mil euros coube este ano à escritora Maria Velho da Costa, a grande vencedora em 2011 deste projeto empreendido há mais de 15 anos consecutivos. O seu romance intitulado “Myra” foi o premiado entre 76 obras analisadas de autores portugueses ou residentes em Portugal, publicadas em 2008 ou 2009. A obra conta a história de amor entre “Myra”, uma menina russa

que dá nome ao livro, e um cão, Rambo, que encontra gravemente ferido nas ruas da Caparica.

Maria Velho da Costa, que também é Prémio Camões 2002, viu a sua obra ser distinguida pelo júri, composto por Vítor Aguiar e Silva, vice-reitor da Universidade do Minho durante 12 anos, José Manuel Mendes, que conta com cerca de 30 livros publicados, e Carlos Mendes de Sousa, professor de literatura brasileira na Universidade do Minho.

A decisão sobre o vencedor foi justificada por Vítor Aguiar e Silva, presidente do júri, “pelas dimensões estruturais e problematizadoras de uma narrativa que conjuga a análise do real em perda num tempo aberto à complexidade dos mundos, e, de forma peculiar uma mundividência decadentista ocidental, ancorada e inscrita no que somos enquanto homens do tumulto e da incerteza”.

Recorde-se que o Grande Prémio de Literatura **dst** é promovido anualmente e tem como objetivo distinguir a melhor obra nacional publicada no biénio anterior, alternando anualmente entre obras escritas em prosa e poesia. O regulamento para a XVII edição já se encontra disponível em: www.dstsgps.com. ■

dst assina acordo em Angola

dst assina acordo para projetos na área do ambiente

O grupo **dst** vai desenvolver de forma sustentável a estratégia para o setor do ambiente em Angola, tendo fechado já um acordo com a empresa Angola Environment Technology – Greentech.

O acordo, assinado na primeira quinzena de Junho, compreende diversos objetivos, entre os quais o desenvolvimento de sistemas integrados de tratamento de águas residuais através da construção de redes de saneamento e estações de tratamento de águas residuais. Para além de intervenções a nível de saneamento básico, o acordo prevê também a implementação de projetos de ordenamento do território e requalificação urbana, assim como a avaliação, diagnóstico e desenvolvimento de projetos de inovação ambiental.

Com vista ao cumprimento destes objetivos, a **dst** e a Angola Environment Technology – Greentech propõem-se criar diversas equipas de trabalho conjuntas e

formar quadros angolanos através de acordos com universidades e institutos de ensino de referência. O financiamento dos projetos passará, em parte, por acordos com instituições financeiras e parcerias com investidores internacionais.

Embora não seja ainda possível adiantar valores de investimento, as entidades garantem que os primeiros projetos vão surgir já no curto prazo, ou seja, até ao final de 2011.

Por ocasião da assinatura do acordo, o Presidente do Conselho de Administração do grupo **dst**, José Teixeira, referiu que “o objetivo final, para nós, passa por criar uma parceria de referência em Angola, como esta é exemplo, que possa constituir uma imagem de marca para o país e estar associado ao desenvolvimento estratégico preconizado para o setor do ambiente em Angola”. ■

...is more
16



Hospital da Guarda

dte finaliza Hospital da Guarda em projeto de €10M

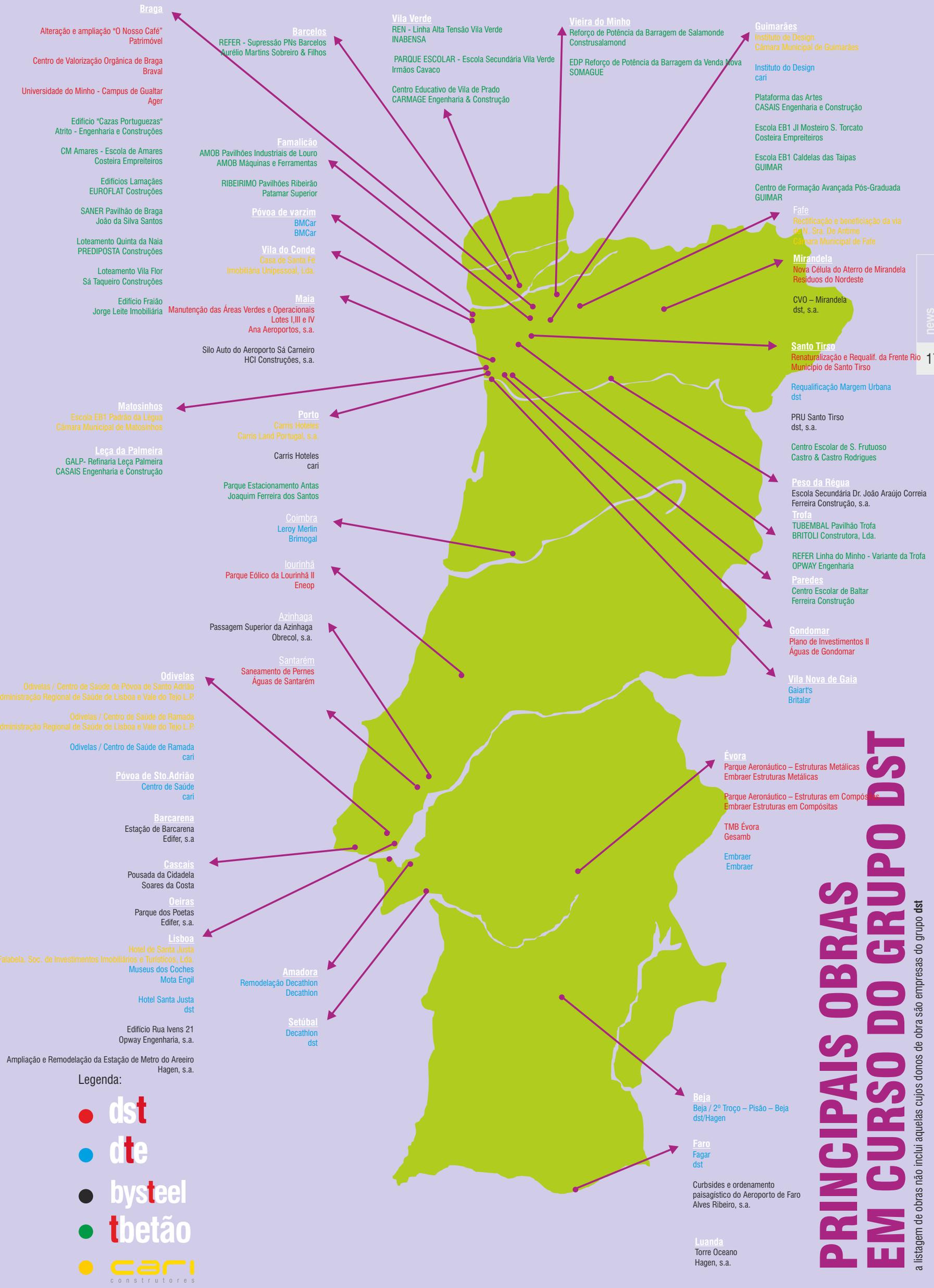
A **dte**, empresa do grupo **dst**, está a finalizar a remodelação e ampliação do Hospital Sousa Martins, na Guarda, cujo projeto global ascende a €10 M e se prevê finalizado no próximo mês de Agosto.

Esta empresa, especializada em empreitadas elétricas, AVAC, hidromecânica, energias renováveis e telecomunicações, encerra assim este projeto na área hospitalar, onde quer a prazo, ganhar mais obras de referência.

O novo hospital, equipado com forte componente tecnológica, terá cerca de 76 mil metros quadrados remodelados e ampliados.

Refira-se que nesta obra, a **dte** foi responsável pelas instalações de AVAC (em parceria com a Norinstelnor – Instalações Especiais S.A.), eletricidade, GTC, águas e esgotos.

“As instalações especiais no ramo da saúde são uma das apostas da **dte** e um caminho que pretendemos continuar a seguir visto estamos completamente preparados para as exigências tecnológicas e de segurança deste setor”, refere José Teixeira, Presidente do Conselho de Administração do grupo **dst**. ■



Legenda:

- dst
- dte
- bysteel
- tbetão
- cari construtores

PRINCIPAIS OBRAS EM CURSO DO GRUPO DST

a listagem de obras não inclui aquelas cujos donos de obra são empresas do grupo dst



II torneiro de futsal grupo dst

O grupo **dst** promoveu mais um torneio de futsal constituído por equipas dos vários departamentos e empresas do grupo.

A comissão organizadora do torneio, constituída por Heitor Maranhão, Maria do Carmo e Paulo Silva quis assim dar continuidade ao projeto que, desde o ano anterior, tem garantido uma competição saudável entre as várias equipas, promovendo momentos de lazer, alegria e, sobretudo, desportivismo.

Após sorteio das equipas a jogo, deu-se o pontapé inicial a 7 de Janeiro no Pavilhão Lacatoni, em Braga, com jogo entre a equipa "Orçamentos" e "Manutenção" do qual resultou uma goleada para a equipa da "Manutenção", que venceu o seu opositor por 5-0.

Com 15 equipas em competição ("CARI", "TMODULAR", "CC1", "CC2", "OP1", "ASSO e RENOBÁBEIS F.C.", "DREAM TEAM DTE", "BYSTEEL", "I9COM", "PLANEAMENTO / APONTADORES", "LUNÁTICOS", "MANUTENÇÃO", "OP4 / BETUMINOSO", "ORÇAMENTOS" e "OS TERRÍVEIS"), o torneio decorreu sem incidentes, com luta aguerrida entre as várias equipas e com a isenção que se exige aos árbitros, neste caso os colaboradores da **dst**, Fernando Barbosa e Luís Sousa.

A grande noite de apuramento para a final ocorreu a 29 de Abril no Pavilhão de Lamações que registou nessa noite uma grande afluência de colaboradores do grupo, apoiantes das equipas em jogo.

O jogo de apuramento do 3.º e 4.º lugares decorreu entre "OS TERRÍVEIS" e "DREAM TEAM DTE" em que os primeiros venceram por 3-2, num jogo muito disputado.

No apuramento do primeiro classificado, o jogo entre as equipas "OP1" e "CC1" ficou marcado pela disputa acesa entre os jogadores que, com muito empenho, cedo queriam marcar posição e definir o ritmo do jogo a seu favor.

O resultado final foi a favor da equipa "OP1", com vitória de 3-2 sobre o adversário, revalidando o título do I Torneio.

A classificação final foi a seguinte:

- 1.º Lugar - "OP1"
- 2.º Lugar - "CC1"
- 3.º Lugar - "OS TERRÍVEIS"
- 4.º Lugar - "DREAM TEAM DTE"

No apuramento dos resultados foi encontrado o melhor marcador, Bruno Duarte – "OP1", com um total de 13 golos marcados, e o melhor guarda-redes, Ricardo Sousa – também "OP1".

A entrega dos prémios esteve a cargo da administração do grupo **dst** que congratulou quer as equipas vencedoras, quer a organização do evento que muito contribuiu para o estreitamento dos laços de camaradagem entre os participantes e apoiantes.

A terminar apenas fica a promessa que para o próximo ano, haverá mais um torneio, o III Torneio de Futsal. ■

dst oferece um Seguro de Vida aos colaboradores

O grupo **dst** implementou mais uma importante medida com vista ao reforço dos benefícios dos seus colaboradores, oferecendo um seguro de vida com proteção até 20 000€, em caso de morte ou invalidez.

Esta medida surge no contexto da política de Recursos Humanos prosseguida pelo grupo **dst**, que ao proporcionar melhores condições de trabalho e qualidade de vida aos seus trabalhadores, pretende conferir-lhes a estabilidade e o conforto necessários para estarem alinhados no cumprimento dos objetivos da empresa.

"Com este seguro de vida, que não representará qualquer custo adicional, nem vem substituir o seguro de acidentes de trabalho existente, pretendemos dar um sinal claro que queremos continuar a investir nos nossos colaboradores de forma a reforçar junto dos mesmos, a ideia de que o grupo **dst** faz parte dos seus projetos de carreira e de vida", refere José Teixeira, Presidente do Conselho de Administração do grupo **dst**.

A disponibilização de benefícios aos colaboradores tem-se tornado cada vez mais uma prática comum no grupo **dst**. Recorde-se que, no plano de benefícios no campo da saúde, o grupo já oferecia a todos os seus colaboradores, com uma média de idades entre os 31 e os 40 anos, um seguro de saúde totalmente gratuito.

Adicionalmente, as instalações do grupo **dst** possuem um consultório de Dentista e ainda um Gabinete Médico que, todos os dias, oferece competências na área da medicina do trabalho e enfermagem, possibilitando o acesso imediato aos melhores cuidados de saúde.

Recentemente, as boas práticas no âmbito dos Recursos Humanos valeram ao grupo **dst** a atribuição do prémio "Excelência no Trabalho" no sector da construção e a classificação em segundo lugar entre as cerca de 300 grandes empresas de vários setores de atividade que participaram num estudo desenvolvido pelo Diário Económico, em parceria com a Heidrick & Struggles e a ISCTE Business School. ■

modelo barcelos

Mais uma vez a Cari Construtores S.A., superou um novo desafio. A construção do Modelo de Barcelos iniciou no dia 09 de Agosto de 2010 e foi inaugurado com sucesso no dia 15 de Dezembro de 2010.

A empreitada traduziu-se na construção de um centro comercial Modelo, incluindo parque de estacionamento e todos os arranjos exteriores, e execução de infraestruturas de águas pluviais nos arruamentos de acesso a este edifício. Este facto obrigou à existência constante de duas frentes de obra.

A conceção estrutural do edifício assenta em elementos verticais esbeltos em betão armado e em perfis metálicos com uma laje pré-fabricada alveolar na zona dos escritórios, sendo a cobertura plana em estrutura metálica. O edifício é revestido por painéis compósitos de alumínio em três cores distintas, chapa Baine, 18H, granito grampeado e vãos envidraçados.

No interior a área encontra-se dividida em 5 lojas: Modalfa, Worten, Bom Bocado, Book-it, Wells, e área de vendas. De todas as que merecem maior atenção serão, a loja Modalfa, devido ao seu *layout* inovador, um conceito vanguardista que recorre a fortes contrastes e grande iluminação. A loja Worten devido à sua grandiosidade, aproximadamente 1 250,00 m², quando comparada com a área total de implantação de todo o centro comercial, 6 436,41 m². E por último a área de vendas que recorreu a vários conceitos inovadores em termos de *layout*, que a distingue das restantes lojas da mesma linha.

Existiu uma preocupação arquitetónica constante em dotar o espaço de condições privilegiadas, efetuadas através de luz solar direta, painéis solares para aquecimento de águas sanitárias, espaços amplos, dentro dos quais podemos destacar o cais de carga e descarga com aproximadamente 2 015,00 m², parques de lazer com zonas ajardinadas, e zonas de circulação pedonal em toda a envolvente da loja.

Devido à necessidade de compatibilizar as infraestruturas rodoviárias existentes com a nova arquitetura, tornou-se necessária a criação de uma rotunda na zona da entrada para o parque de estacionamento, caracterizada pela delimitação em guias de granito e pela inclusão de uma zona rebaixada em cubo de granito.

Na execução da empreitada, participaram diversas empresas do grupo **dst**, entre elas a bysteel (estrutura metálica), dte (AVAC, eletricidade e hidráulica), tmodular (carpintarias), tagregados e tconcrete. ■

FTO-Furniture Trading Orient S.A

A Cari Construtores S.A. finalizou, em Setembro de 2010 a requalificação e adaptação de um conjunto de 3 edifícios industriais devolutos numa unidade industrial moderna destinada à produção de mobiliário – FTO – Furniture Trading Orient S.A..

A Empreitada foi constituída por duas fases de execução distintas, a fase de demolição de todos os elementos estruturais e arquitetónicos de elevado grau de degradação e a fase de construção/requalificação.

Com uma área de intervenção de 16 025m², em que 9 519m² corresponde à área bruta de construção e os restantes 6 506m² a arranjos exteriores, a nova unidade industrial possui uma área de produção de 9 246m² e uma área destinada à zona administrativa de 273m² correspondentes ao piso 1 do edifício.

A fábrica é composta por 3 pavilhões, designados pavilhão B1, B2 e B3 sendo que cada pavilhão corresponde à anterior ocupação corporizada em 3 edifícios autónomos.

O edifício correspondente ao Pavilhão B1, único construído de raiz devido ao seu elevado estado de degradação, é um edifício amplo e desimpedido, com um pé direito útil de 9,00m, com ótimas condições de iluminação natural pelo facto de a sua fachada ser totalmente executada em painéis de policarbonato, que possibilita a redução de consumo de energia, privilegiando o fornecimento de iluminação natural aos postos de trabalho.

No Pavilhão B2, o corpo central do empreendimento, localizam-se os escritórios ao nível do primeiro piso, e o piso 0 foi reformulado de forma a serem incorporados os vestiários e instalações do pessoal, para além de toda a área destinada à produção.

No pavilhão B3, o mais pequeno, foi introduzida uma zona de carga, com dois cais de carga, zona de acabamentos e de expedição, bem como o *Showroom*. Também neste pavilhão se optou por uma fachada executada em painéis de policarbonato.

No que se refere aos espaços exteriores, os mesmos foram criados de forma a conciliar objetivos diversos, respondendo às necessidades de estacionamento (94 lugares), circulação e manobra de veículos ligeiros e pesados. Foi também criada uma pequena área ajardinada numa perspetiva de tornar a envolvente desta unidade industrial mais agradável a quem a visita.

Na execução da empreitada, participaram diversas empresas do grupo **dst**, entre elas a bysteel (estrutura metálica e revestimentos), dte (eletricidade e hidráulica), tmodular (carpintarias), e tbetão. ■



CONVERSANDO COM... *Miguel Palma*

Miguel Palma nasceu em 1964. Vive e trabalha em Lisboa, onde possui um atelier que usa para montar e expor as suas peças. O seu trabalho lida frequentemente com o desenvolvimento tecnológico, a ecologia, a fé nas imagens, a ideia de poder, o universo infanto-juvenil, a obsessão pela máquina. A sua obra estende-se em desenho, escultura, instalações multimédia, vídeo, livros de artista e performance.

De entre as suas exposições individuais destacam-se: O Mundo Às Avestas na Culturgest, Lisboa (2007); Google Plane 1968-2008, no Museu Coleção Berardo (2008); The Return to the Real 6 no Museu do Neo-Realismo em (2009); Osmosis, BES Arte & Finanças em Lisboa (2009); In Image We Trust na Nicholas Robinson Gallery, Nova Iorque (2011); Linha de Montagem no Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa (2011).
Está representado nas principais coleções públicas, entre as quais: Coleção Berardo, Portugal; Coleção da Caixa Geral de Depósitos, Portugal; Coleção do Centro Galego de Arte Contemporânea, Espanha; Coleção do Centre de Creation Contemporain, France; Coleção do FRAC Rhône-Alpes, França; Coleção da Fundação Ilídio Pinho, Portugal; Coleção da Fundação PLMJ, Portugal; Coleção da Fundação de Serralves, Portugal; Coleção da Fundação Calouste Gulbenkian, Portugal; Coleção da Fundación ARCO, Espanha; Coleção do Instituto das Artes, Portugal; Coleção do MUDAM, Luxemburgo, etc.

A sua primeira revelação artística ocorreu quando tinha apenas 11 anos de idade, numa maquete que construiu para o seu pai. Considera que o seu percurso artístico se iniciou nesse momento?

Quando era miúdo estava sempre a construir coisas, mas não sei até que ponto tinha consciência daquilo que realizava para poder assumir que o início do meu percurso artístico se iniciou aos 11 anos de idade. O meu pai fazia *kits* muito bem feitos, e eu no fundo queria imitá-lo.

No ano seguinte, construiu um pequeno foguetão que alcançou os 3 600 metros de altitude e regressou novamente em segurança. Já nessa altura, a construção dos seus engenhos era o que mais gostava de fazer?

Sim, era o que me dava mais gozo e prazer. Era aquilo que me fazia sentir mais útil dentro da minha inutilidade.

Quais as construções artísticas que produziu nos anos seguintes até à entrada no Ensino Superior?

Fazia sobretudo desenhos, colagens e algumas peças em pedra. Andava sempre à procura de pedra para partir e colar. Também adorava utilizar guaches.

Curiosamente, a sua entrada na Escola de Belas Artes foi impulsionada por um professor de Matemática, que o desencorajou de cursar Arquitetura. No entanto, acabou também por não prosseguir com a formação em Belas Artes. O que sentiu no momento em que tomou essa decisão?

Uma sensação muito idêntica àquela que me levou a desistir de cursar Arquitetura. Uma enorme liberdade. Foi um momento que se prolongou até hoje.

As suas obras adquirem outro sentido quando são apresentadas e explicadas por si. Qual considera ser a ideia que os visitantes retêm após visitar as suas exposições?

Acho que as possibilidades são várias. Mas entre uma energia e alguma decepção... parece-me uma boa combinação. Não faço só troféus.

A sua equipa é também formada por dois engenheiros cujo contributo é fundamental. Considera a integração das ciências na produção da arte uma mais-valia?

Não considero uma mais-valia em toda a produção artística. Contudo, no meu caso são parcerias fundamentais para tornar possíveis determinadas esculturas pela sua complexidade. Sem esse contributo seria muito difícil para mim. Seria quase impossível.

Como artista, expressa também nas suas obras aquilo que o preocupa. Face ao actual cenário de crise económica, alguma das suas obras aborda a preocupação sobre esse tema?

Em 1994 fiz uma peça chamada “Cofre Com Mil Contos” que continha (estava dentro do próprio cofre) o valor da produção artística da obra. Utilizei o dinheiro como objeto artístico tornando o seu conteúdo mais valioso a todos os níveis. Em 2011, a propósito da imagem do Dom Quixote, coloquei todos os meus cartões de crédito numa das pás de um moinho, desequilibrando o seu movimento de rotação.

Grande parte do meu trabalho envolve, por vezes, valores de produção mais elevados

e sinto neste momento uma maior dificuldade em construir algumas obras de maior dimensão.

De que forma a arte, como por exemplo a sua, pode ter um papel preponderante na recuperação da atual situação?

O meu trabalho deverá ter esse efeito. A minha situação muda se a atual situação também mudar. É necessário existir da parte dos colecionadores, dos mecenas e dos tão apaixonados pela arte como eu um empenhamento para podermos todos juntos ajudar a ultrapassar esta fase muito difícil.

Refere que a sua arte, mais do que pela intervenção, passa pela provocação. Impõe forte tom de crítica nas suas obras? Considera que essa crítica chega a quem de direito e àqueles que têm o poder de decidir?

Acho que a ironia tem uma parcela importante em termos de intervenção. E creio que sim, que pode chegar até eles, desde que estejam atentos. Mas nem toda a crítica tem essa direção tão focada; muitas vezes é pessoal e introspetiva. Serve mais como uma forma de encontrar um sonho mais interessante para mim.

A sua obra de nome “Sementeira”, datada de 2006, assumiu a particularidade de transformar um elemento bélico num engenho de semeio e cultivo. Os artistas devem assumir a responsabilidade de denunciar situações críticas e de as transformar em algo profícuo?

Não propriamente. No meu caso, uma das características do trabalho que desenvolvo passa pela alteração de determinadas funções de certos objetos. Parece-me mais interessante, mas ao mesmo tempo desconcertante, construir um aparente canhão utilizando materiais de origem agrícola. É um falso canhão mas contém em si uma intenção bem mais interessante que a de um verdadeiro canhão.

Numa iniciativa apoiada e patrocinada pela dst, em 2005 partiu para a Europa num Porsche Azul, equipado com uma peça de avião no tejadilho que incorporava um projetor e um sistema sonoro, com o objetivo de se afirmar frente aos diferentes museus nos quais gostaria de expor e conseguir a atenção do diretor de cada uma dessas instituições. Fale-nos um pouco sobre essa experiência.

Foi uma experiência tão gorada como vitoriosa. Eu usei uma forma incorreta de me aproximar a um museu. Os museus são instituições que, quase como todas as instituições, comunicam através de códigos. Não é um código correto o artista aproximar-se de um museu. Existem regras e estatutos que precisam ser respeitados. Neste meu caso, não os respeitei. Poucos diretores me receberam, mas aqueles que foram sensíveis à ideia criaram para mim uma surpresa muito especial. O norte da Europa foi mais recetivo do que o sul. Mas, no geral, posso dizer que a experiência foi bastante interessante pois levei a cabo uma ação invulgar de promover o meu trabalho profissional (levava livros, cd's e portfólios).

Há algum artista que o inspire ou que o tenha marcado de alguma forma?

Há muitos artistas que de uma forma ou de outra me influenciaram. Mas posso destacar: Gordon Matta Clark, Martin Kippenberger, Panamarenko, Mike Kelley, Paul McCarthy, Ilya Kabakov, Dan Graham, Edward Ruscha, Chris Burden, Cildo Meireles, entre muitos mais. ■

cultura de segurança

desafiar o presente projetando o futuro

A segurança nas empresas deve ser um tema de preocupação generalizada, abrangendo todos os membros organizativos. Esta temática, numa perspectiva alargada, deve ser desenvolvida a partir de um comportamento coletivo, criando uma cultura de segurança, interiorizando procedimentos e adotando as necessárias medidas de prevenção.

Uma cultura de segurança requer assim um papel ativo não só dos seus líderes, como também o envolvimento e participação de todos os colaboradores, de modo a que esta seja um valor partilhado e consciente. Neste sentido, todos os membros de uma organização detêm um papel indispensável para a implementação de uma verdadeira cultura de segurança, garantindo a adoção de estratégias e medidas pró-ativas e inovadoras.

Ressalta-se a importância fundamental da formação profissional em geral e da formação em segurança em particular, que constituem um fator preponderante para garantir a capacidade e o empenho dos indivíduos na mudança da cultura empresarial futura, fomentando um aperfeiçoamento ético e profissional, bem como a aquisição de novos conhecimentos ou competências e a modificação de comportamentos e atitudes que serão responsáveis por uma organização empresarial de excelência, como se pretende.

Em suma, e para que tal aconteça será necessário manter um corpo a funcionar na sua plenitude, aliado a uma mente devidamente treinada e preparada, pois se assim não for, qualquer estratégia que se desenvolva não atingirá os objetivos delineados.

Por este motivo é imperioso medir e classificar desempenhos ou mesmo performances organizacionais, ponderando estratégias revolucionárias que avaliem e apontem direções que permitam estimular a organização empresarial, aproveitando assim da melhor forma as condições do ambiente, enaltecendo, concomitantemente, o potencial humano.

Uma organização que se defina moderna não pode traçar o seu caminho sem esta consciência holística nem estabelecer as linhas de orientação futura de forma isolada.

Envolver e motivar a organização para uma meta específica requer um grande esforço e investimento, sendo por isso necessário ter uma ideia precisa dos seus objetivos específicos, devendo as empresas projetar a sua imagem no contexto empresarial universal, atribuindo à Segurança o papel e importância que é merecedora no sentido de elevar os seus resultados globais. ■

SEGURANÇA

este espaço é da autoria do dep. HST da dst

Plataformas Elevatórias

Para o correto funcionamento de Plataformas Elevatórias, é necessário que o seu operador possua conhecimentos e noções sobre a altura e o alcance do equipamento que se encontra a operar. Essa informação encontra-se descrita no manual de funcionamento da respectiva máquina.

As **Plataforma Elevatórias** podem ter os seguintes tipos de utilização:

Utilização Fixa, na qual o bastidor móvel só se poderá deslocar com a estrutura extensível fechada, em posição de transporte. Nesta categoria estão por exemplo as Plataformas Elevatórias cuja elevação se faça sobre um eixo vertical, de braço telescópico ou tipo tesoura, com bastidor, acionado por empurrão ou arraste.

Utilização Contínua, onde a deslocação do operador pode efetuar-se com o cesto em posição elevada e ocupado pelo pessoal previsto para o efeito. O controlo do conjunto é garantido por um comando instalado no próprio cesto.

Os diferentes equipamentos devem ser utilizados de acordo com as instruções do seu fabricante. Os operadores nunca deverão adaptar determinado equipamento para outro tipo de utilização, como por exemplo o equipamento de utilização fixa ser utilizado como de utilização contínua.

Os diferentes órgãos mecânicos devem ser testados antes do início dos trabalhos, assim como deve ser conservado o aviso sonoro de marcha atrás e verificada regularmente a pressão dos pneus de acordo com as instruções do fabricante. Também a qualificação do operador deve ser garantida, devendo este utilizar sempre os acessos às plataformas previstos pelo fabricante e nunca transportar pessoas fora do local apropriado.

A operação de uma plataforma elevatória deverá ser efetuada por 2 pessoas:

- Uma pessoa responsável por manobrar e trabalhar no cesto da plataforma (Operador);
- Outra pessoa que permaneça no solo, tendo a seu cargo as manobras de intervenção auxiliar, o comando em caso de acidente ou avaria, o impedimento da circulação de máquinas ou peões em redor da plataforma elevatória e a condução do operador da cesta em caso de necessidade. O operador auxiliar tem a importante função de manter as condições de segurança do operador do cesto, libertando este último para o trabalho que está a executar.

A utilização destes equipamentos deve ter em consideração:

- Não sobrecarregar os equipamentos, caso eles permitam o manuseamento de cargas;
- Garantir que não existem pessoas à volta;

Nas movimentações da plataforma, é necessário ter atenção redobrada. Existem

riscos como, por exemplo:

- O embate ou choque contra estruturas, muros ou objectos móveis, como uma grua, outra plataforma ou uma grua-ponte;
- O bloqueamento, à passagem por debaixo de uma passadeira aérea, varanda ou estrutura.

O operador, durante a movimentação do cesto e do próprio equipamento, deverá estar ciente do que se encontra em seu redor de modo a evitar choques ou bloqueamentos. O conhecimento de todos os comandos ajuda a uma operação segura e eficiente.

Se a visibilidade exterior entre o solo e a plataforma for reduzida, o condutor deve interromper o trabalho.

O operador não deve utilizar a plataforma quando a velocidade do vento é superior à velocidade limite fixada pelo fabricante. Com a existência de vento, não devem ser manipuladas placas, cartazes, etc.

O condutor da plataforma deverá estar equipado com cinto de segurança que amarrará nas anilhas de segurança previstas para o efeito, evitando assim ser projetado em caso de colisão com algum veículo ou máquina.

É proibido:

- Circular em zonas em que não seja previsto o seu uso;
- Abandonar ou estacionar a máquina em rampas e taludes;
- Trabalhar em desníveis ou taludes excessivos e com terreno que não garanta a segurança;
- Arremessar materiais/ferramentas em altura;
- Abandonar a máquina com o balde ou outros acessórios levantados;
- Abandonar a máquina sem colocar os comandos na posição de paragem, acionar o travão de mão e retirar a chave de ignição;
- Limpar, lubrificar ou afinar elementos da máquina com esta em movimento.

É obrigatório:

- Respeitar os sinais de circulação e restantes disposições da circulação no estaleiro;
- Assegurar iluminação adequada na zona de trabalhos;
- Evitar manobras bruscas;
- Manter a distância ao bordo dos taludes (mínimo 60 cm);
- Guardar as distâncias de segurança, nomeadamente às linhas elétricas, peças e instalações em tensão;
- Assegurar a operação e manutenção por pessoas especializadas (devidamente habilitadas com conhecimento dos limites das características da máquina, bem como o espaço necessário para manobrar);
- Utilizar EPI adequados (capacete, botas, luvas, óculos e máscara) durante as operações de manutenção. ■

DEPARTAMENTO DE HIDRÁULICA APLICADA III

O Departamento de Hidráulica Aplicada III é um dos mais recentes da **dst**. Foi criado em Agosto de 2010, fruto de uma necessidade sentida pela empresa de aumentar a sua capacidade instalada de execução de empreitadas com forte componente hidráulica. Constituído por um grupo jovem, com uma média etária na ordem do 30 anos, o Departamento possui já massa crítica que advém da experiência de alguns elementos que migraram de outras realidades, que conciliadas numa só equipa conferem uma maior espessura ao Departamento.

Neste momento, a equipa liderada pelo Eng. Paulo Fonseca é constituída por 7 elementos permanentes, com uma colaboração muito estreita com outros elementos que cooperam na medida das necessidades, sejam eles do Departamento de Planeamento e do Parque de Materiais.

O Departamento de Hidráulica Aplicada III, está preferencialmente vocacionado para a execução de sistemas de drenagens, redes de distribuição e abastecimento de águas quer em “alta” quer em “baixa”, assim como a reabilitação de sistemas degradados, no entanto está preparado e aberto a novos desafios que lhe possam ser lançados. Apesar do período de turbulência política e da forte crise orçamental, entendemos que este será um setor da construção onde não deverá haver tanta recessão, visto que está fortemente associada à saúde pública e para além disso, encontra-se aprovado e em vigor o PEAASAR II (Plano Estratégico de Abastecimento de Água e de Saneamento de Águas Residuais 2007/2013), que tem como objetivo até ao final de 2013 ter 95% da população total do país com sistemas públicos de abastecimento de água e 90% da população total do país com sistemas públicos de drenagem e tratamento de águas residuais urbanas.

Em termos de Projetos, neste momento dois já se encontram concluídos:

- Infraestruturas de Saneamento e Águas Pluviais do novo Hospital de Braga: A empreitada consistiu na execução de uma rede de águas residuais e pluviais, com vista a garantir a perfeita drenagem da nova infraestrutura que está a nascer em Braga;
- Plano de Investimentos 2009/2012 - Processo I: Desta empreitada executada para a empresa Águas de Gondomar, constou a execução de duas condutas adutoras de água, uma rede de drenagem de águas residuais e remodelação de redes de abastecimento de água existente.

No Departamento de Hidráulica Aplicada III, encontram-se neste momento em execução as seguintes empreitadas:

- Abastecimento de Águas e Saneamento de Diversos Locais do Concelho de Faro: A empreitada consiste na execução de 64 200 ml de redes de drenagem de águas

residuais e de distribuição de água, 2 condutas elevatórias para adução de água, 3 condutas elevatórias de águas residuais, 5 reservatórios, 3 estações elevatórias, 1 central sobressora e uma rede de caboductos;

- Sistema adutor da Mata do Urso; Setor Sul: Da obra em execução para a empresa “Águas do Mondego” consta a execução de duas condutas adutoras com uma extensão total de 11 400 ml (2 000 ml em PEAD DN 400mm, 6 400 ml em PEAD DN 355mm e 3 000 ml DN 600mm). Será ainda construído um reservatório em Betão Armado constituído por duas células com capacidade total de 6 000 m³ e três estações elevatórias incorporadas e um outro reservatório em Betão Armado constituído por duas células com capacidade total de 1 000 m³ e uma estação elevatória incorporada;

- Plano de Investimentos 2009/2012 - Processo II: Esta empreitada em execução para a empresa “Águas de Gondomar” consiste na remodelação de 27 200 ml de rede de distribuição de água com diâmetros compreendidos entre 90mm e 250mm e

Fernando Teixeira

Marcos Barros



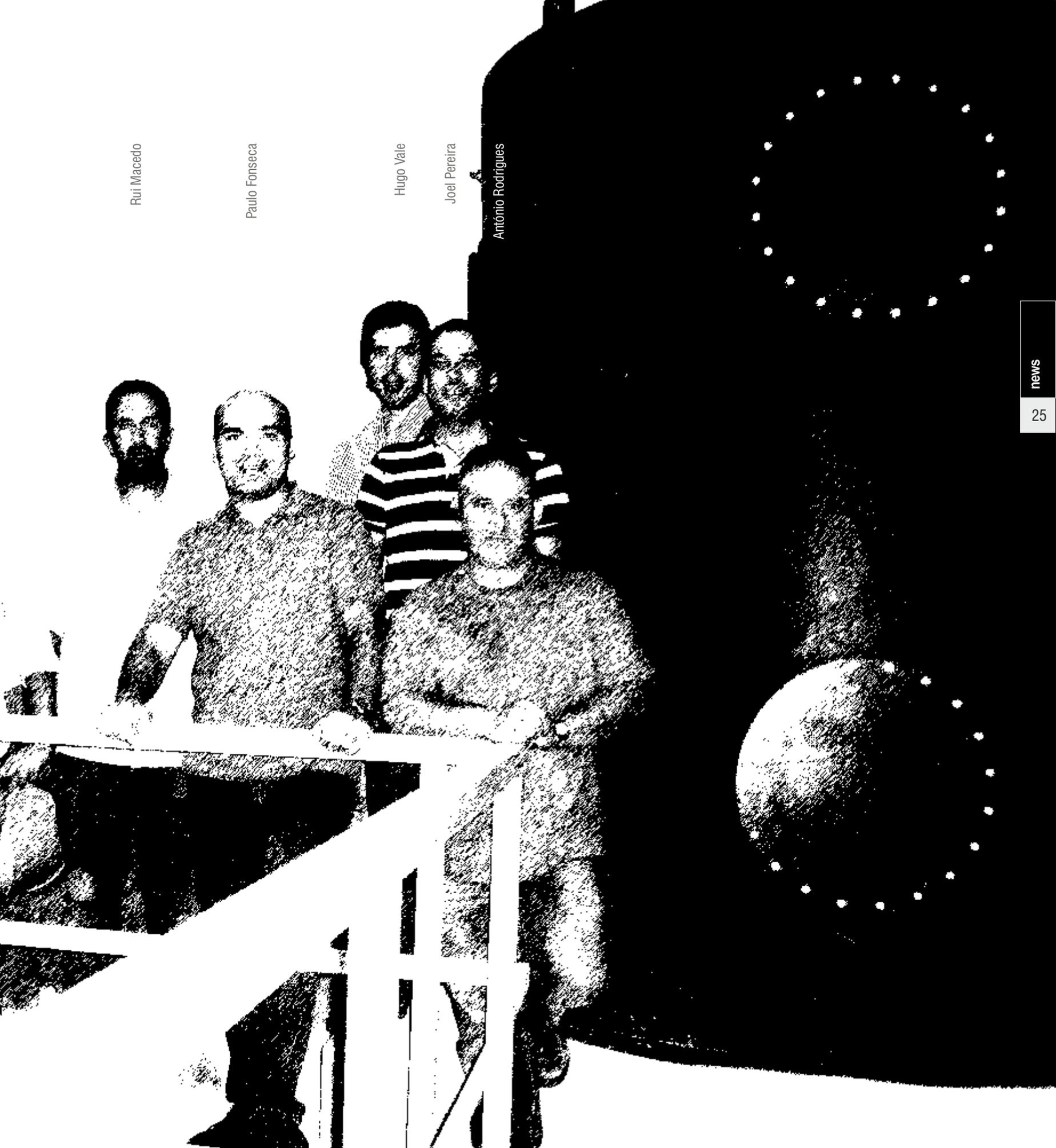
Rui Macedo

Paulo Fonseca

Hugo Vale

Joel Pereira

António Rodrigues



instalação de 5 400 ml de redes de drenagem de águas residuais, bem como a execução dos respetivos ramais de ligação domiciliários; Encontra-se ainda em fase de preparação uma empreitada a executar para a empresa "Águas de Santarém".

O Departamento de Hidráulica Aplicada III, à semelhança do que é o ADN da **dst**, está focado no cliente e naquilo que são os seus objetivos, de forma a enquadrá-los nos nossos e permitir a satisfação de ambas as partes, pois entendemos ser de extrema importância conseguir garantir a confiança do cliente de modo a que este se torne cada vez mais cliente.

Para além disso, o cumprimento das boas regras ambientais, de qualidade, higiene e segurança, assim como a frequência em ações de formação, são temas que não são

descurados, pois são a base da responsabilização social que sentimos a obrigação de promover junto de toda a cadeia de colaboradores, clientes, fornecedores e subempreiteiros.

Em complemento a estes temas, é apanágio do Departamento a procura contínua de soluções técnicas alternativas que visem a criação de valor, pois é de vital importância o cumprimento dos objetivos económico-financeiros das empreitadas, princípio fundamental de todas as Organizações. Assim temos algumas ferramentas que têm vindo a ser desenvolvidas e partilhadas pelos colaboradores do Departamento, no sentido de, em equipa, conseguirmos melhorar continuamente, cumprir com os objetivos traçados e continuarmos a caminhada no sentido da melhoria contínua. ■



Introspeção Valorativa da Sociedade

por Manuel Jesus

A crise que temos é muito mais profunda que a questão financeira e política. É uma crise de valores morais. O materialismo é o dogma que impera nas relações humanas consubstanciado na premissa do consumismo e na maximização do bem-estar individual.

Se olharmos os primórdios da ciência económica, a economia aparecia nos ramos das ciências morais e políticas.

Adam Smith escreveu que “o homem sábio e virtuoso está sempre disponível para sacrificar o seu próprio interesse privado ao interesse público da sua ordem ou sociedade”, “não ao amor do vizinho, nem ao amor da humanidade. É o amor pelo que é honroso e nobre, pela grandeza, e dignidade, e superioridade dos nossos próprios caracteres”, ou seja, maximizando o lucro, respeitando os princípios éticos fundamentais.

Alfred Marshall um dos economistas mais importantes na viragem do sec. XIX para o sec. XX escreveu no seu livro “Princípios de Economia” que “o carácter do homem tem sido moldado pelo seu trabalho de todos os dias e pelos recursos materiais que desse modo procura, mais do que qualquer outra influência, com a exceção dos seus ideais religiosos”, acrescentando que “a atividade pela qual uma pessoa ganha o seu sustento preenche geralmente os seus pensamentos durante a maior parte das horas em que a sua mente se mantém ativa; durante essas horas o seu carácter vai sendo formado pelo modo como aplica as suas faculdades no trabalho, pelos pensamentos e os sentimentos que lhe sugere, e pela forma como se relaciona com os seus companheiros de trabalho, os seus patrões ou os seus empregados”. No fundo colocava a economia no centro da vida do Homem através do modo como a acumulação da riqueza era gerada, apenas acreditava que era superada pelo seu credo religioso. Considerando que a economia é o estudo do comportamento e do carácter do homem tendo em conta a obtenção e gestão da riqueza adquirida, não deixava de concluir que o comportamento do homem é por natureza moralmente orientado, concretizado nas decisões e escolhas que toma. O *homo economicus* tomava as suas decisões de acordo com uma hierarquia de valores previamente matizados na sua consciência moral, constituindo esta moralidade uma barreira de não transgressão.

Com o avanço da modernidade, os valores morais suportados pelas verdades religiosas foram postos em causa, e mesmo destruídos, pelo racionalismo emanado do iluminismo proveniente da revolução francesa. E pelo avanço do liberalismo ancorado na maximização da riqueza e do culto do indivíduo. Sem esquecer a realidade histórica das sociedades, que tentaram implantar infrutiferamente um socialismo científico e materialista, cuja religião não constava das matizes a incorporar na racionalidade dos cidadãos.

Lembremos Hegel. Advogava que a liberdade dos indivíduos não devia sobrepor-se à eticidade coletiva, nem à razão universal. No fundo, o coletivo fundeado no estado deveria sobrepor-se à vontade do indivíduo, e a vontade de uma sociedade de estados devia se sobrepor à vontade individual de um estado membro. O conceito de liberdade individual devia incluir as suas consequências e condições coletivas, liberdade democrática. Este conceito encontrava-se no extremo oposto da liberdade liberal, que se caracteriza pela liberdade sem limitações,

com a desregulamentação das relações dos indivíduos, com a subordinação do estado aos cidadãos, com limitação à vigilância estatal, com predomínio político da vontade individual e com a interpretação do jogo político livre a partir da concorrência dos diversos interesses particulares em jogo. Veja-se a desregulamentação da limitação da alavancagem financeira nos U.S.A. que levou à bancarrota de bancos de investimento em 2008.

Como curiosidade. Para Hegel a democracia parlamentar tal como existe é um logro, representa apenas a clubite partidária e não a legítima representatividade dos cidadãos. A democracia só é possível com e pela via da presença constante dos cidadãos de modo a velar pelos bens públicos como se dos próprios se tratassem, de modo a evitar que alguém ou grupo se apropriem dele. E isso, só foi possível na Grécia Antiga, uma vez que a escravatura tornou os atenienses livres para se comprometerem na governação dos destinos das cidades-estado. Já o ateniense Sócrates, em República de Platão, desconfiava da democracia enquanto a melhor forma de organização do estado, pois o descontrolo levado a cabo pela excessiva liberdade individual matava a democracia consubstanciada no enfraquecimento da autoridade e na degradação moral da sociedade, acabando por levá-la à mais infame etapa de governação: a tirania. Toda esta desconfiança é-nos familiar na atualidade.

Uma das críticas de Hegel ao liberalismo, é o facto de tenderem a levar os seus princípios para além dos campos políticos e económicos, penetrando no campo religioso, e das crenças do povo, negando o papel especulativo e educador da religião. Considerava a religião também um saber absoluto, e ao ser ainda representativo, emotivo e sensível, era mais acessível ao povo. A liberdade de consciência e de fé religiosa era um dos direitos básicos de todo o cidadão, contra a qual determinada modernidade iluminista radical agiria. A filosofia e a religião têm a verdade como objeto e certamente no sentido mais elevado, em que Deus é a verdade e apenas ele é a verdade. A filosofia procurava Deus pela razão, o senso comum pela coerência do discurso do dogma. Assim valorizava o papel da religião como um racional de compreensão da verdade, esta antecipa-se à filosofia na revelação do absoluto. A verdadeira religião e a verdadeira religiosidade provinham da eticidade. A religião é entendida por todos e é apreendida mais cedo, a filosofia tendia para as elites.

O combate à religião levado a cabo nos últimos dois séculos levou-a à sua menorização como fundo educador da população. Lembremos o pensamento hegeliano “a religião é entendida por todos”. Gandhi escreveu também que a “religião é a moralidade”. Os valores morais intangíveis, que norteavam as decisões, foram gradualmente postos em causa, deixando um vazio que norteia as atuais referências da nossa sociedade. Nesse vazio, a riqueza material e a ostentação tornaram-se objetos de culto social, orientando os comportamentos sociais na sua direção. Por isso, quem ousa optar por outros princípios terá resultados inferiores, terá menor remuneração, será perdedor e sairá da competição substituído por outro. A obtenção de resultados materiais favorece os decisores menos dados a preocupações éticas, e, quando o reconhecimento social favorece mais os resultados do que os meios para os obter, os decisores económicos tendem a ajustar os seus comportamentos por condutas menos escrupulosas. Na ética empresarial, esta cultura reflete-se no alcançar dos resultados imediatos, trimestre a trimestre. Esta política métrica tornou-

se quase uma obsessão dos gestores que a esse objetivo transitório tudo sacrificam. Esta obsessiva competição, em particular no setor financeiro, levou a descurar a sustentabilidade das empresas e a transgredir regras de comportamento de boa gestão: assumir riscos excessivos, abusar da boa-fé e confiança de terceiros, esconder as perdas ou exagerarem os ganhos com artifícios contabilísticos falsificando as contas. Isto colapsou o mercados.

Também os estados e os indivíduos descuraram a opção pela prudência e pela sustentação da sua existência, o padrão da poupança presente que não é mais do que a transferência de riqueza do presente para o futuro, optando pela maximização do bem-estar presente, sacrificando a riqueza presente e hipotecando o futuro através da irresponsável política de endividamento cujo pagamento está dependente de rendimentos futuros e incertos.

Dan Ariely Num, especialista em economia comportamental, levou a efeito um estudo no MIT, universidade americana, tendo por base os estudantes norte americanos desta faculdade com o objetivo de avaliar a sua disposição para transgredir as regras de boa conduta social. Dividiu os alunos em dois grupos, sendo ao primeiro grupo pedido que citassem dez livros que tinham lido no liceu, e ao outro grupo que citassem os Dez Mandamentos que a custo lá foram dizendo alguns. Depois de fazer a experiência, os indivíduos deste segundo grupo não transgrediram ao contrário do primeiro grupo. Para extrapolar os resultados libertando-os de carga religiosa, voltou a inquirir estes dois grupos novamente sujeitando o segundo grupo a assinar que “tenho conhecimento de que este inquérito é sujeito ao código de honra do MIT” (apesar de no MIT não haver nenhum código de honra). Novamente no segundo grupo ninguém voltou a ter comportamentos de transgressão. Isso permitiu concluir que um código de conduta moral fortemente implantado na consciência das pessoas gera nestas comportamentos mais responsáveis.

Isto confirma que os valores éticos e morais são essenciais à preservação da liberdade dos indivíduos e à sobrevivência dos próprios estados, ou das comunidades que os agregam e das organizações onde atuam. Os estados, as organizações e os indivíduos tomam decisões e estas sobressaem nas escolhas feitas que dependem do horizonte que se pretende almejar. As escolhas que apenas se limitam à solução técnica estão condenadas ao fracasso a longo prazo, e o egoísmo que muitas vezes escondem, podem conduzir a humanidade a uma nova catástrofe. Lembremos do curso da História, as rivalidades, os individualismos, os nacionalismos, os sonhos dos grandes impérios levaram a Europa às últimas duas guerras mundiais. A ética, a política, a religião e a filosofia devem voltar a ser um dos pilares do ensino de modo a formar melhores cidadãos, pois não podem ser entidades com o propósito de apenas criarem peças para a engrenagem capitalista, parafraseando Marx. E um mundo pejado de bons cidadãos será um mundo melhor que o atual. ■

Referências bibliográficas:

- ARP, Susmita, Mahatma Gandhi, trad. Inês Cerdeira, Barcelona, Editorial Sol 90, cop 2011
 BENTO, Vitor, Economia, Moral e Política, Relógio d'Água Editores, 2011
 MAYOS, Gonçal, G.W.F. Hegel: Vida, Pensamento e Obra, trad. Catarina Mourão, Lisboa, Editora Planeta de Agostini, 2008
 PLATÃO, A República, Guimarães Editores, trad. Elísio Gala, 2010
 MENDEZ BAIGES, Vitor, Adam Smith: Vida, Pensamento e Obra, Lisboa, Editora Planeta de Agostini, 2008



resiliência = atitude

por Carla Cunha

“A nossa maior glória não é nunca cair, mas levantarmo-nos de cada vez que caímos”

Confúcio

No mundo atual cada vez mais global, onde se sucedem situações imprevistas e inéditas sem uma orientação para a ação, exigem-se novas capacidades, maiores competências aos indivíduos que se encontram inseridos no mundo do trabalho, e mesmo aqueles que se encontram em fase de inserção neste. Num contexto organizacional é muito importante ser-se o mais flexível possível, ter muita informação e, sobretudo fazer uma gestão muito equilibrada das emoções, para que a adaptação a situações de grande mudança e inovação fluam o mais naturalmente possível sem causar danos, quer à organização, quer ao indivíduo enquanto ser social, ou seja é necessário uma adaptação física e psicológica por parte dos indivíduos que fazem parte do mundo do trabalho. A essa competência de adaptação a novas adversidades dá-se o nome de resiliência, que deve ser entendida como um potencial de crescimento e otimismo. Nesta ótica a resiliência é cada vez mais solicitada no mundo do trabalho e no seio das organizações.

A resiliência é um conceito relativamente novo, é uma palavra que deriva do latim “resilientia”, que significa: “saltar para trás, recusar vivamente” (OLIVEIRA, 2010), no entanto, este conceito tem outras definições associadas, por exemplo no campo da física, resiliência é “a propriedade pela qual a energia armazenada num corpo deformado é devolvida, quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica”; num sentido figurado o conceito é entendido como “resistência ao choque”; “capacidade de defesa e recuperação de uma pessoa perante fatores ou condições adversas”; a resiliência de carácter é “a habilidade de voltar rapidamente para o seu habitual estado de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças ou dificuldades” (OLIVEIRA, 2010).

No mundo do trabalho, Alina Oliveira, psicóloga e consultora na CEGOC, define a resiliência como a: “capacidade de responder, de forma saudável e produtiva, a circunstâncias de adversidade ou trauma, sendo essencial para gerir o *stress* da vida quotidiana”. Compara-a com um elástico, porque este material tem características que se impõem numa pessoa resiliente, vejamos: pode ser esticado quase até romper, mas quando o esticão cessa, volta à sua forma normal, e tal como um elástico, todos os indivíduos possuem fatores de proteção que os ajudam a ultrapassar situações de dificuldade, sem se deixarem abater: “A resiliência cria e

mantém uma atitude positiva, trazendo confiança para assumir novas responsabilidades no trabalho, ultrapassar situações constrangedoras ou embaraçosas” (OLIVEIRA, 2010). Na opinião de alguns profissionais devem-se procurar novas experiências que estimulem o autoconhecimento, proporcionar ir além dos limites, ultrapassarem-se, desta forma a vida é mais enriquecedora tornando os relacionamentos interpessoais mais alargados e profundos.

Para se desenvolver a resiliência, cada pessoa tem que usar os seus expedientes, para lidar com situações imprevistas que vão ocorrendo no dia-a-dia. É muito importante, agir mediante iniciativa própria, e não esperar que terceiros decidam o que fazer, como, onde e quando; quem acata este tipo de ordens, é sem dúvida, uma pessoa não resiliente, e sem motivação. O Agir por vontade própria é muito importante, pois ajuda a que cada indivíduo transponha obstáculos pessoais, a auto-eficácia é indispensável para superar o *Stress* – os erros devem ser encarados como forma de aprendizagem e não de derrota, podem ajudar a melhorar continuamente, assim como definir novos objetivos e desafios – a palavra de ordem é persistir.

Fatores de proteção que garantam o acolhimento e a aquiescência, podem ser encontrados no meio social, como por exemplo na família, amigos ou colegas de trabalho, e são esses fatores que ajudam a superar as contrariedades. A. Oliveira considera três fatores de proteção essenciais para desembocar num estado de resiliência:

- 1-“Desenvolver relacionamentos interpessoais onde exista afeto e apoio”, é de suma importância apoiar-nos em pessoas em quem possamos confiar;
- 2-“Participar ativamente”, devemos estar inseridos num determinado grupo e sentir que fazemos parte desse grupo;
- 3-“Resolver problemas, fixar objetivos e aprender continuamente”, mais uma vez, para alcançar este fator de proteção é importante confiar nos outros, ter um apoio em quem possamos recorrer como por exemplo, “a família, instituição educativa, organizações sociais, políticas ou religiosas”. (OLIVEIRA, 2010)

Estes fatores de proteção, ajudam a atenuar os riscos de exposição a situações desfavoráveis; reduzem os comportamentos negativos; ajudam a manter a autoestima e a realizar tarefas com mais sucesso, e criam possibilidades para metamor-

fosear positivamente os efeitos do *stress*. Indivíduos que sejam resilientes têm mais propensão a ter relações afetivas gratificantes, a ser bem sucedidas a nível profissional, a ocupar melhor o seu tempo livre, a cuidar da imagem pessoal e, sobretudo acreditam que no futuro podem melhorar e conquistar uma vida melhor.

Para aumentar a resiliência é muito importante desenvolver a confiança em si próprio, ou seja devemos tirar partido das nossas qualidades, melhorar continuamente a auto-estima e agir por iniciativa própria dentro dos limites estabelecidos. Não fazer juízos de valor precipitados, não devemos confiar no senso comum, devemos pensar sempre que vamos conseguir tirar o melhor partido das situações em que estamos envolvidos, e para o conseguir devemos escutar e compreender a opinião dos outros, com o propósito de obter mais informações e novos conhecimentos, é importante acreditar que “Os recursos de que mais precisamos estão dentro de nós” (OLIVEIRA, 2010). Saber dizer que não, de uma forma assertiva, é também um alvo para aumentar a resiliência, fará com que sejamos aceites pelos outros, passando uma imagem de “afirmação pessoal”.

Outra característica propiciadora do aumento da resiliência é a procura de melhoramento contínuo, devemos estar abertos a novas experiências, novas aprendizagens, e sobretudo estar atentos a novas oportunidades, este é visto como o primeiro passo para progredir. O segundo é reforçar a confiança nos outros, partilhando ideias e opiniões, e um terceiro prende-se com a necessidade de se trabalhar em equipa e em ambientes de entreajuda, se for bem conseguido é condição *sine qua non* para se evoluir rapidamente e produzir bons resultados. Ser proativo é também, muito importante, no mundo do trabalho, significa “pensar antes de agir”; “a proatividade está ligada ao planeamento e à tomada de decisão”, se queremos que algo aconteça temos que orientar a ação nesse sentido, e não ficar à espera que algo mude e seja mais favorável. A gestão do tempo também ocupa um lugar de relevância no aumento da resiliência, quanto maior for o tempo gasto em tarefas que não são importantes, menor será o tempo dedicado às tarefas mais importantes e urgentes, o risco de cometer erros será maior, e inevitavelmente o *stress* negativo vai aumentar.

No que concerne à resiliência organizacional, na perspectiva de profissionais: “pode ser definida como a capacidade de uma organização em responder rápida e efetivamente a uma mudança não prevista” (OLIVEIRA, 2010). A resiliência organiza-

cional pode estimular a mudança nas organizações, permite mudanças estratégicas, evoluir de estruturas localizadas, para estruturas deslocalizadas, virtuais, permitindo que o trabalho seja efetuado ultrapassando “as fronteiras do tempo, da distância e da interculturalidade” (OLIVEIRA, 2010), este fenómeno é, sem dúvida uma consequência da Globalização. O imperativo das organizações, hoje em dia, é dar respostas rápidas, decisivas a situações de mudança e de imprevisibilidade; devem adotar comportamentos flexíveis, de responsabilidade, de proatividade, e resistência ao *stress*; deve assentar em estruturas baseadas no conhecimento, para aumentar a capacidade de adaptação e de resposta a situações de devir. Todas as organizações que têm uma visão sustentada no sucesso, numa época de grande instabilidade económica e social, precisam de ser resilientes, para aumentar a capacidade de resposta aos objetivos e metas visadas.

Cada trabalhador, e também os departamentos de Recursos Humanos, têm obrigação de ajudar a organização a desenvolver a resiliência. Existem oito ditames necessários para atingir este propósito: resolver problemas que se podem controlar e influenciar; ser inovador nos métodos e processos de trabalho; promover a iniciativa, a proatividade e a responsabilidade; aumentar o autoconhecimento sobre o impacto que produz nas pessoas; adaptar-se à mudança e ajudar os outros nessa adaptação; facilitar a mudança e induzir compromissos; valorizar cada colaborador da equipa, orientar a evolução das competências e o melhoramento dos desempenhos e criar e manter um bom ambiente de trabalho baseado na confiança e na entreajuda.

Concluindo, pode-se aferir que a resiliência é uma questão de atitude, é necessário existir uma predisposição para a ação constante, quer do trabalhador, quer das organizações. Nas sociedades atuais nada é estático, e nos novos padrões de trabalho é necessário ser-se resiliente. A resiliência é uma capacidade que em muito ajuda a sobreviver num mundo em constante dinâmica. ■

TRIATHLON 2011

HALF IRONMAN LISBOA TRIATHLON 2011 meio sonho realizado!

Para quem não está familiarizado com a modalidade, o triatlo é um desporto que junta três segmentos: inicia-se com a natação, prossegue com o ciclismo e conclui-se com o atletismo, inclui as respetivas transições entre segmentos e o cronómetro só para no momento em que o triatleta corta a meta.

Existem também provas com distintas distâncias mas, curiosamente, são as de longa distância que atraem mais praticantes. A atestar este facto estão as provas do calendário Ironman (cerca de 15 em todo o mundo) que reúnem cerca de 2 500 atletas por prova. São, geralmente, provas em que o período de inscrição termina poucos meses depois de abrir, mesmo que para uma inscrição se tenha de despendar, em média, cerca de 400€.

Quadro 1: Distâncias nas diferentes variantes de provas de triatlo. O Ultraman realiza-se em 3 dias consecutivos.

As provas de longa distância dividem-se por *Age-groups* (grupos de idade) para que dessa forma se possam segmentar os triatletas e respetivos resultados, por escalões de idade, tanto no setor masculino como no feminino.

Iniciei-me nesta modalidade em 2010 e, após ter realizado logo no primeiro ano algumas provas nas variantes *sprint* e olímpico, acabei por me estrear na longa distância em Setembro, realizando um duplo olímpico em Sanábria (Espanha), prova que concluí em 5h:39m. Foi uma estreia penosa num dia bastante quente e numa prova muito dura. Logo após a mesma pensei em subir um degrau e aumentar a dificuldade.

Assim, em Outubro de 2010, inscrevi-me no Lisboa International Triathlon 2011, prova que se realizaria daí a 6 meses, tempo suficiente para fazer uma boa preparação. Ao mesmo tempo, esta antecipa-ção ajudou-me a criar uma motivação extra, pois orientei o treino desse período com um propósito muito concreto em mente.

O meu objetivo para esta prova era concluir os três segmentos em menos de 5 horas. Depois de traçada a estratégia, passei à ação. Durante o inverno dediquei parte do treino à corrida, pois como a natação é o segmento em que a minha prestação é mais débil e que mais treino exige para poder melhorar apenas uns poucos minutos, tentei aperfeiçoar a corrida, onde julgo ser possível evoluir mais rapidamente, mas sempre sem negligenciar as restantes modalidades.

De Outubro a Março, nadei 36 quilómetros, corri 670 e pedalei 1200. O que o

triatlo tem de sensacional é que muito dificilmente um atleta se sente saturado, pois tem a vantagem de poder diversificar atividades dentro das três modalidades.

Para isto ser possível, tive de abdicar de algumas horas de sono, para poder realizar muitos treinos nas primeiras horas da manhã, de forma a conseguir treinar as várias modalidades. Uma dieta adaptada às rigorosas condições de treino também é muito importante. À medida que o tempo vai passando, começamos a encarar as exigentes necessidades alimentares como normais e descolamo-nos da ideia que devem ser apenas observados alguns cuidados antes das provas.

E o grande dia chegou! Os nervos apoderam-se dos triatletas nas horas que antecedem um evento com esta dimensão. Às 8 horas da manhã do dia 30 de Abril, foi dado o tiro de partida na Doca dos Olivais, junto ao pavilhão Atlântico, pondo em ação cerca de 560 atletas presentes, representando cerca de 23 países.

Uma particularidade do triatlo é o facto de ser um desporto onde, com facilidade, podemos no início ou final de uma prova, conversar com os melhores atletas do mundo, oriundos de todos os estratos sociais ou etários, não existindo barreiras absurdas de popularidade. Na edição deste ano do Triatlo Internacional de Lisboa participaram CEOs e diretores de empresas internacionais, como é o caso de sueco Torbjorn Eriksson, (CEO da imobiliária Tenant & Partner), Pablo Erat (CEO da suíça Motion Town), David Sanglas (diretor-geral da Adecco Portugal) ou Paulo Guedes, (*executive manager* da Espírito Santo Informática).

No final, cheguei à conclusão que valeram a pena estes meses de dedicação. Conclui a prova em 4h:51m:04s, arrecadando o 110.º lugar na classificação geral dos 530 triatletas que terminaram a prova, e o 26.º no meu *age-group* (35-39) dos 132 que terminaram neste escalão.

Quero agradecer a todos os que me ajudaram a realizar este desafio, muito particularmente à *dst*, que ao me facultar acesso gratuito a um ginásio, em muito ajudou à minha preparação física, especialmente no Inverno.

Para quem desejar iniciar-se nesta modalidade, sugiro uma consulta à loja *on-line* www.tri4us.net, onde é possível encontrar todo o equipamento necessário à prática deste apaixonante desporto, bem como aconselhamento personalizado.

Meio sonho concretizado... só me sentirei verdadeiramente realizado quando conseguir concluir um Ironman. Até lá, pratiquem desporto, serão mais felizes! ■

NATAÇÃO	T1	CICLISMO	T2	CORRIDA	TOTAL
1900m		90km		21.100m	
00:39:11	00:02:47	02:35:57	00:02:11	01:30:56	04:51:04

Prova	Natação	Ciclismo	Corrida
Super Sprint	375 m	10 km	2,5 km
Sprint	750 m	20 km	5 km
Olimpico	1,5 km	40 km	10 km
Duplo Olimpico	3,0 km	80 km	20 km
Half-Ironman	1,9 km	90 km	21 km
Triplio Olimpico	4,0 km	120 km	30 km
Ironman	3,8 km	180 km	42 km
Ultraman	11,4 km	540 km	126 km





Por Uma Floresta Mais Limpa por Raquel Sousa

Um grupo de Braga, que a 20 de Março de 2010 ajudou a Limpar Portugal, em jeito de comemoração do dia do Pai e do aniversário do Limpar Portugal, propôs-se realizar uma ação de limpeza da Mata do Parque do Bom Jesus no dia 19 de Março. Desta vez, um trabalho *soft* e educativo, com pais e filhos.

Esta floresta centenária ficou mais limpa.

Aproveitamos para em parceria com a confraria do Bom Jesus, e com o apoio dos seus técnicos, proceder a algumas limpezas de resíduos florestais para assim minimizar alguns ataques de infestantes e o potencial risco de incêndio.

Este movimento tem a imagem do Limpar Portugal 2010 e será tão alargado quanto a adesão. Vamos 20 ou vamos 1 000! Mãos à obra novamente. A iniciativa contou com cerca de 500 voluntários e foi recolhida cerca de 8 toneladas sem contar a separação de papel, cartão, metal, plásticos e vidro, que foram colocados diretamente em ECO-Pontos.

Este ano, a atividade foi de facto mais "*soft* e educativa", concentrada nos plásticos, vidros, papel/cartão e metais que continuam a ser amontoados um pouco por todo o lado, facilmente separáveis e passíveis de reciclagem.

O projeto "Limpar Portugal" comemora este ano o 1º aniversário do "Dia L" com ações de consciencialização, mas houve coordenações locais que repetiram as limpezas do ano transato, segundo a AMO-Portugal - Associação Mãos à Obra Portugal. Mas, por outro lado, a organização prevê que de dois terços dos locais limpos há um ano estão de novo sujos, pois vários locais foram inspecionados antes da realização da iniciativa. A AMO, que nasceu um ano depois do movimento cívico "Limpar Portugal", infor-

ma que muitas das coordenações locais mantêm-se, que foram criadas organizações locais de consciencialização ambiental e que grupos de voluntários continuam a organizar localmente ações.

Esta ação teve como principal papel consciencializar e educar a sociedade. Aproveitar o dia do PAI para o Pai levar o filho e vice-versa a olhar para o Ambiente. As famílias inteiras participaram e foi isso que aconteceu em Braga.

Este ano foram agendadas bastantes iniciativas, embora não se pretenda uma "ação a nível nacional" como aconteceu em 2010.

Em Braga houve uma parceria com a Quercus que fizeram uns *workshops* sobre compostagem, sobre o perigo das plantas invasoras, sobre a produção de cogumelos e sobre como se faz cirurgia arbórea.

Neste fim-de-semana realizaram-se várias iniciativas, como: "raids" de fotografia; caminhadas; plantações; e, algumas limpezas no âmbito do primeiro aniversário do dia L, de "Limpar Portugal", localizados em Portugal Continental e ilhas.

Balanco de um ano de "Limpar Portugal":

Em 2010, o projeto Limpar Portugal, através da participação voluntária, pretendeu "promover a educação ambiental e refletir sobre a problemática do lixo, do desperdício, dos materiais e do crescimento sustentável". Então, mais de 100 mil pessoas limpam Portugal, mas este ano a organização optou por não repetir a remoção de grandes quantidades de resíduos, monstros e entulhos e resíduos de construção. A organização entende que as suas "energias" não devem ser concentradas em limpar, por não quererem continuar a fazer o "serviço que cabe às autoridades". ■

Olá, o meu nome é Carla Silva e sou natural do Barreiro. Recentemente frequentei o Curso de Construção e Obras Públicas de nível IV na Escola Superior Tecnológica do Barreiro que concluí com o estágio curricular realizado em colaboração com a **dst** na obra do Continente do Barreiro.

Assim, depressa fui impelida para as diferentes necessidades inerentes ao apoio direto à direção de obra em todas as suas vertentes, desde a mais simples medição à compatibilização de toda a logística inerente a cada tarefa passando pelo controlo de qualidade, sem nunca descuidar todos os aspetos de segurança que são a imagem da **dst**.

A obra em causa consistiu na construção de um centro comercial para albergar um hipermercado Continente e 8 lojas de retalho com as respetivas estruturas de apoio assim como os respetivos arranjos exteriores. A dimensão da obra, a sua complexidade e o prazo de execução revelaram-se extremamente aliciantes.

Esta grande oportunidade permitiu-me alargar os meus conhecimentos associados ao ramo da construção, que eram até então de carácter maioritariamente teóricos e em virtude da minha experiência muito limitados.

A **dst** foi muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional e ao pedir estágio na **dst** não tinha ideia daquilo que iria aprender e da forma rápida como adquirir conhecimentos relacionados com o meu curso.

Gostei!

Solidariedade, Bom Gosto, Coragem, Respeito, Ambição, Coragem, Lealdade, Rigor... **dst**. ■

Carla Silva

Para mim 2010 foi um ano repleto de mudanças, tanto a nível pessoal, como a nível profissional, sendo que ambos se entrelaçam e complementam – é impossível ser de outra forma! Estamos num cenário de crise. As empresas no setor da construção civil, e também as restantes em certa parte, lutam para conseguirem cumprir os seus objetivos e irem mais além. Tornar-me colaboradora do grupo **dst** nesta altura fez-me perceber muito claramente que estou perante uma empresa inovadora, que não se deixa vencer. Os projetos e (boas) ideias surgem todos os dias e são eficazmente levados em consideração e trabalhados, por uma equipa jovem e muito dinâmica. Fui colocada no escritório de Lisboa, no departamento de instalações hidromecânicas da **dte** (grupo **dst**). O meu trabalho é efetuado longe da sede da empresa, complementado com visitas a Braga sempre que necessário. Mesmo à distância é gratificante verificar que a engrenagem funciona. Em Lisboa a imagem da **dst** mantém-se com um escritório visualmente diferente, e uma (pequena) equipa muito coesa, ativa e onde me orgulho de estar incluída. Espero que o meu contributo profissional possa ajudar para que a **dte** cresça mais e melhor, indo ao encontro de todos os objetivos traçados! ■

Ana Carla Silva

Nos finais dos anos 90 tive o meu primeiro contacto profissional com a **dst**. Naquela época era uma tradicional empresa de obras públicas e de construção civil de cariz familiar.

Passado pouco mais de uma década encontrei um Grupo multifacetado com novas áreas de negócio que, mantendo a atividade convencional na indústria de construção civil e de obras públicas, se diversificou para as energias renováveis, telecomunicações e ambiente, entre outros setores de atividade.

Embora apenas três meses possam ser exíguos para uma avaliação com rigor, nas minhas primeiras impressões, os fatores determinantes do sucesso do grupo **dst**, e que o tornam hoje uma referência incontornável no mercado português nos seus setores de atividade, são os seguintes: Gestão do grupo; Cultura empresarial; Ambiente de trabalho.

A equipa de gestão, mantendo a matriz familiar, soube em tempo oportuno diversificar as áreas de negócio, posicionando-se nos setores de atividade emergentes. As energias renováveis (eólica, fotovoltaica), as concessões no Ambiente (distribuição de água, saneamento e resíduos), as telecomunicações (com o exemplo mais recente das redes de nova geração em fibra ótica nas zonas rurais) são apostas ganhas pelo grupo.

Por outro lado, foi também a visão estratégica da gestão que conduziu à verticalização dos negócios com a criação das *spin off* das suas unidades de negócio, permitindo aumentar significativamente a competitividade pelas sinergias e economias de escala criadas entre as empresas do grupo.

O mecenato e a responsabilidade social partilhadas pelo grupo **dst** com pessoas e instituições, são referências marcantes da cultura empresarial. O patrocínio de eventos culturais (como o Grande Prémio de Literatura **dst**, a Feira do Livro em Braga, entre outros) e o apoio a iniciativas escolares (como

me

as Olimpíadas de Português e Matemática e a oferta de livros como prenda de anos aos alunos dos agrupamentos de escolas da comunidade local) são bons exemplos da cultura das empresas do grupo.

Outra imagem marcante para quem ingressa pela primeira vez na “família **dst**” são os VALORES. Respeito, Rigor, Paixão, Lealdade, Solidariedade, Coragem, Ambição e Bom Gosto não são meras palavras soltas mas sim a postura ética que deve pautar o comportamento dos colaboradores.

Finalmente, o bom ambiente de trabalho que se respira no dia-a-dia da vida das empresas é outro dos fatores de sucesso. A comprovar este bom ambiente estão os prémios recebidos no passado como uma das melhores empresas para trabalhar em Portugal e, mais recentemente, em Janeiro deste ano, o 1º Prémio de Excelência no Trabalho no setor da Construção, Gestão de Infraestruturas e Transportes e o 2º lugar no Top 5 na categoria de grande empresa.

O design e a decoração das instalações são outras das imagens de marca do grupo **dst**, que também contribui para as excelentes condições de trabalho. A delegação de Lisboa (o meu local de trabalho) é paradigmática desta imagem de marca.

Concluindo, num mundo globalizado e com a atual turbulência dos mercados, o grupo **dst** está organizado e estruturado para enfrentar os difíceis desafios do futuro.

São estas as minhas primeiras impressões destes primeiros três meses no grupo **dst**. ■

Artur Mariz Santiago

Bate leve levemente como quem chama pelo destino,
A Brigitte, a Sophia atentamente nos contemplam
Todos os atores se empenham
No canto do mesmo hino!

Entre a última hora do dia agitada
Pelas desinquieta ruelas do Cais
Na sombra dos fotogramas
Mais uma promessa é finalizada,
Na esperança do sucesso que nunca será demais!

Passo a trepado, salto a galopeado
Pela porta da estratégia, pela janela da cooperação
Uma experiência é guardada e um fruto colhido
O vislumbre da vitória é nossa a Ambição!

Sejam três meses sejam três anos e alguns milénios e tal
Seja agora ou depois
O desafio do conhecimento, a sede cultural,
Entre os melhores da competição,
Alimentam-nos aos dois,
O vislumbre da vitória é nossa a Ambição! ■

Carla Antão Marques

SES

Quem é quem



Nome: Maria João Correia

Cargo: Gestora comercial da **tbetão**

Interesses: Gosto de brincar com a minha mana. Gosto de cozinhar. Gosto de cinema, música e espetáculos diversos.

Regularmente faço caminhadas. Um investimento, sem dúvida, viajar. E, louca por sapatos!

Sugestões: Visitar uma instituição de acolhimento de crianças.

Já o fiz, foi uma experiência marcante, diria mesmo construtiva. Experimentem!



Nome: Paulo Araújo

Cargo: Engenheiro Civil no departamento de produção da **steelgreen**

Interesses: Gosto de jogar futebol, correr, andar de bicicleta, ir até à praia, sair por aí a tirar fotos, jogar uma boa partida de xadrez, ver séries televisivas.

Gostaria de realizar um *interRail* pela Europa, pelo espírito aventureiro de partir com uma mochila, 2 ou 3 amigos, meia dúzia de euros e sem destino.

Sugestão: No nosso trabalho, devemos ter a humildade suficiente para assumir os nossos erros e a sabedoria necessária para não os repetir.

Todos erramos, apenas temos de fazer do erro uma experiência válida para o futuro.



Nome: Sérgio Fernandes

Cargo: Planeamento técnico da **dstelecom**

Interesses: Tecnologia e inovação são dois dos meus grandes interesses, fascina-me a capacidade do Homem para se superar a cada dia que passa.

Outro grande interesse é os "Mind Games" e os jogos de estratégia. Desporto, Música, Cinema, etc.

Sugestão: *Carpe Diem*, esqueçam o que é "inútil", concentrem-se no que poderá fazer a diferença na nossa vida pessoal e profissional.



Nome: Isaura Lima

Cargo: Técnica administrativa da **cari**

Interesses: A minha prioridade é a minha família. O meu interesse passa por ter uma relação equilibrada entre a minha vida familiar e o meu ambiente profissional. Gosto de conviver com amigos, ler, ouvir música, fazer desporto. Gosto de passear pelo nosso Portugal fora, que é lindo.

Sugestões: Nestes tempos difíceis, em que a crise é a palavra que nos entra todos os dias pela nossa casa dentro, temos de ser positivos, pois acredito que a crise é psicológica e se nos deixarmos influenciar por tudo que ouvimos, acabamos por viver uma situação de angústia permanente.

Temos que investir mais na cultura, na aprendizagem e reciclagem de conhecimentos, para assim enfrentarmos melhor as dificuldades.

Sugiro que aproveitem bem cada momento da vida, porque tudo na vida é efémero. Sejam felizes!

COOLTURA...

A época de Verão convida-nos a sair e a aproveitar o tempo de outra forma. Para além da Praia, a Arte e a Diversão estão em destaque!

Pela **Invicta**, como quem diz, cidade do Porto, a exposição **Off the wall** – Fora da Parede, patente na Fundação de Serralves, reúne múltiplos artistas e conta com a chancela do Whitney Museum of American Art de Nova Iorque. Já para os miúdos, as **Férias de Verão em Serralves** possibilitam aprender brincado com a arte e a natureza, através de diversas oficinas para diferentes idades.

Indo até à Capital e prosseguindo pela costa até Cascais, encontrará no seguimento da sua baía a **Casa das Histórias** de Paula Rego, uma das artistas plásticas de renome português. O edifício é da autoria de Eduardo Souto Moura e faz jus à tipologia de Arte que Paula Rego desenvolve, permitindo-nos participar na narrativa das suas obras, entre pintura, desenho e gravura.

E porque Verão rima com Diversão, miúdos e graúdos irão adorar visitar um parque temático em terras de *nuestros* hermanos. Caso esteja pelo sul de Portugal, dê um salto à cidade de Sevilha e visite a **Isla Mágica**, passando o dia entre descidas aquáticas vertiginosas e montanhas russa com *looping*. E não se esqueça de ver as fotografias da sua expressão a bordo de cada divertimento. ■

Cantinho do Riso

A LENDA DO FIAT 127!

Certo dia, estava eu na estrada com o meu FIAT 127, e como era de esperar, a lata velha avariou. Então, encostei a relíquia na berma e fiquei à espera que passasse alguém.

Apareceu um Porsche Boxster, a 170km/h.

Nisso, o tipo do Porsche faz marcha-atrás e volta até ao FIAT. Ele oferece-se para me rebocar o carro e eu aceitei a ajuda, mas pedi para não acelerar muito senão a lata velha desmantelava-se.

E combinei que piscaria o farol sempre que o Porsche estivesse a acelerar demais.

Então, o Porsche começou a rebocar o carro e sempre que passava dos 60km/h, eu fazia sinal com o farol (no singular) porque, para variar, um deles tinha um curto-circuito e não funcionava. E o tipo do Porsche ia puxando a "batadeira" a 60 km/h no máximo, morrendo de tédio...

Então aparece um Mitsubishi 3000 GT, que "pica" o Porsche e este não vai de modas e arranca! 120, 130, 150, 190, 210, 240 Km/h...

Eu já estava desesperado, a piscar o farol que nem um louco, e os dois alinhados...

Os tipos passam por uma patrulha da polícia, mas nem vêem o radar, que regista uns impressionantes 240 km/h!

Daí, o polícia avisa pelo rádio a próxima patrulha: "Atenção, um Porsche vermelho e um Mitsubishi preto a disputar uma corrida a mais de 240 km/h na estrada, e... Juro pela minha santa mãezinha... Um FIAT 127 colado à traseira deles a dar sinal de luz para ultrapassar!"

HOSPITAL PSIQUIÁTRICO

Durante a visita a um hospital psiquiátrico, um dos visitantes perguntou ao diretor:

- Qual é o critério pelo qual vocês decidem quem precisa ser hospitalizado aqui?

O diretor respondeu:

- Nós enchemos uma banheira com água e oferecemos ao doente uma colher, um copo e um balde e pedimos que a esvazie. De acordo com a forma que ele decida realizar a missão, nós decidimos se o hospitalizamos ou não.

- Ah! Entendi - disse o visitante. Uma pessoa normal usaria o balde, que é maior que o copo e a colher.

- Não! - respondeu o diretor - uma pessoa normal tiraria a tampa do ralo. O que prefere? Quarto particular ou enfermaria?

"Às vezes a vida tem mais opções do que as oferecidas, basta saber vê-las".

Um advogado recém-formado abriu um escritório num luxuoso prédio no centro da cidade. Depois de alguns dias, irritou-se com a falta de clientes. Finalmente viu um homem entrar e rapidamente pegou no telefone, fingindo estar a falar com alguém:

- Ah, foi? E o que é que lhe disseram? Que somos os melhores? Bom, talvez tenham exagerado um pouco. Muito bem, mas não vamos comparecer à sala de tribunal; confiamos esses assuntos à nossa equipa de auxiliares. Está tudo resolvido. Pode deixar que uma das nossas secretárias fica em cima do assunto.

O advogado desligou e voltou-se para o homem.

- Em que posso servi-lo?

- Em nada. Sou técnico das Telecomunicações e vim ligar o telefone.

Alunos Inteligentes?!

Professor: O que devo fazer para repartir 11 batatas por 7 pessoas?

Aluno: Puré de batata, senhor professor!

(Faz sentido!)

Professor: - Joaquim, diga o presente do indicativo do verbo caminhar.

Aluno: - Eu caminho... tu caminhas.... Ele caminha....

Professor: - Mais depressa!

Aluno: - Nós corremos, vós correis, eles correm!

(E não é verdade?)

Professor: "Chovia" que tempo é?

Aluno: É tempo muito mau, senhor professor.

(Alguma dúvida?)

Professor: Quantos corações é que nós temos?

Aluno: Dois, senhor professor.

Professor: Dois!?

Aluno: Sim, o meu e o seu!

(a lógica explica...certinho!)

Dois alunos chegam tarde à escola e justificam-se:

- O 1.º Aluno diz: Acordei tarde, senhor professor! Sonhei que fui à Polinésia e a viagem demorou muito.

- O 2.º Aluno diz: E eu fui esperá-lo no aeroporto!

(quem discute??? está certo!)

Professor: Pode dizer-me o nome de cinco coisas que contenham leite?

Aluno: Sim, senhor professor. Um queijo e quatro vacas...

(diga-me onde é que ele errou?)

Professora: Maria, aponte no mapa onde fica a América do Norte.

Maria: Aqui está.

Professora: Correto. Agora turma, quem descobriu a América?

Turma: A Maria.

(Uauuuuu)

Professora: Joãozinho, diz-me sinceramente, tu oras antes de cada refeição?

Joãozinho: Não professora, não preciso... A minha mãe é uma boa cozinheira. (sem comentários)

ficha técnica:

edição: **dst**_domingos da silva teixeira, s.a.
redação e grafismo: departamento de comunicação

periodicidade: trimestral
tiragem: 800 exemplares
depósito legal: 301 498/09
impressão: gráfica amares

dst_domingos da silva teixeira, s.a.
rua de pitancinhos apartado 208 palmeira
4711-911 braga portugal
tlf. 351 253 307 200/1 fax 351 253 307 210
www.dstsgps.com
alvará de construção civil n.º 2846